



FRANKENSTEIN, DE MARY SHELLEY:
Uma Sequência Didática Expandida

**CAIO CESAR SEGALA
MAURÍCIO CESAR MENON
UTFPR - 2025**

FRANKENSTEIN, DE
MARY SHELLEY: Uma
Sequência Didática
Expandida

CAIO CESAR SEGALA
MAURÍCIO CESAR MENON

***FRANKENSTEIN, DE MARY SHELLEY: Uma Sequência Didática
Expandida***

***FRANKENSTEIN, BY MARY SHELLEY: An Expanded Teaching
Sequence***

LONDRINA
2025



[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)

Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.



CAIO CESAR SEGALA

FRANKENSTEIN, DE MARY SHELLEY: UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA EXPANDIDA

Trabalho de pesquisa de mestrado apresentado como requisito para obtenção do título de Mestre Em Ensino De Ciências Humanas, Sociais E Da Natureza da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Ensino, Ciências E Novas Tecnologias.

Data de aprovação: 06 de Dezembro de 2024

Mauricio Cesar Menon, - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dr. Fernando Bruno Antonelli Molina Benites, Doutorado - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná (Ifpr)

Michel Corci Batista, - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dra. Mirian Ruffini, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 06/12/2024.

AUTORES

Caio Cesar Segala, aluno do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Londrina. Possui graduação em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá (2015); Segunda Licenciatura em Pedagogia pelo Centro Universitário UNINTER (2017); Licenciatura em História pelo Centro Universitário UNINTER (2018); Segunda Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa pelo Centro Universitário UNINTER (2020); Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário UNINTER (2020). Especialista em Metodologia do Ensino de História e Geografia pelo Centro Universitário Internacional de Curitiba - UNINTER (2015); Especialista em Gestão Escolar pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI (2017); Especialista em Formação Docente para o EAD pelo Centro Universitário Internacional UNINTER (2019); Especialista em Neuropsicopedagogia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI (2019); Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Centro Universitário Internacional UNINTER (2020); Especialista em Liderança e Coaching pelo Centro Universitário Internacional UNINTER (2021). Especialista em Metodologia do Ensino na Educação Superior pelo Centro Universitário Internacional UNINTER (2021); MBA em Desenvolvimento Humano para a Estratégia e Inovação pelo Centro Universitário Internacional UNINTER (2022). Tem experiência na área de Ensino de Geografia e Literatura atuando nos diferentes níveis de ensino.

Maurício Cesar Menon, Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (1989), mestrado em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (2002) e doutorado em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (2007) e Pós-Doutorado pela Universidade Federal do Paraná (2014). Atualmente é professor titular da Universidade Tecnológica Federal do Paraná atua como professor permanente nos Programas de PósGraduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza (PPGEN) da UTFPR em Londrina PR e de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da UTFPR em Pato Branco PR. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Estudos Literários, atuando principalmente nos seguintes temas: Literatura e Ensino, Insólito Ficcional, Ciência e Tecnologia Representadas na Literatura. É membro da Academia Mourãoense de Letras.

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO.....	03
1ª ETAPA	MOTIVAÇÃO.....	05
2ª ETAPA	INTRODUÇÃO.....	13
3º ETAPA	LEITURA.....	16
4ª ETAPA	PRIMEIRA INTERPRETAÇÃO.....	20
	4.1 Contextualização teórica-científica.....	22
	4.2 Contextualização histórica.....	30
	4.3. Contextualização estilística.....	34
	4.4 Contextualização crítica.....	37
	4.5 Contextualização temática.....	43
	4.6 Contextualização presentificadora.....	46
5º ETAPA	SEGUNDA INTERPRETAÇÃO.....	49
6º ETAPA	EXPANSÃO.....	54
	SUGESTÕES PARA EXPANSÃO COMPLETA DE	
	<i>FRANKENSTEIN</i>.....	55
	CONVERSA FINAL.....	63
	REFERÊNCIAS.....	64

APRESENTAÇÃO

PRODUTO EDUCACIONAL

SEQUÊNCIA DIDÁTICA EXPANDIDA DA OBRA *FRANKENSTEIN* *OU O PROMETEU MODERNO*, DE MARY SHELLEY

Público: Ensino Médio, alunos entre 15 e 17 anos.

Número de aulas previsto para aplicação: 30 aulas ou 1 semestre letivo.

Obra selecionada: *Frankenstein ou o Prometeu Moderno*, de Mary Shelley

Bem-vindo(a) à experiência transformadora proporcionada pela sequência didática expandida da obra *Frankenstein ou o Prometeu Moderno* de Mary Shelley. Este projeto ambicioso vai além de explorar as páginas desse clássico literário, buscando catalisar a formação de leitores críticos e engajados, enquanto aborda questões cruciais do século XXI.

O objetivo central é promover o letramento literário transdisciplinar, utilizando *Frankenstein* como peça-chave para desenvolver habilidades de leitura crítica, interpretação e análise, de modo que os alunos sejam capazes de identificar e analisar temas e símbolos na obra, entender o contexto histórico e cultural em que a obra foi escrita, e aplicar técnicas de leitura crítica para interpretar e avaliar a obra sob diferentes perspectivas. Procura-se conectar os aspectos literários a diferentes disciplinas, ampliando assim a compreensão do papel da literatura na formação integral do aluno. Pretendendo conectar *Frankenstein* com disciplinas como História, ao explorar o contexto histórico da obra; Ciências, ao discutir os aspectos científicos e éticos da criação de vida; e Filosofia, ao analisar questões filosóficas sobre identidade, moralidade e responsabilidade

Além disso, busco estimular a formação de novos leitores, especialmente entre os alunos do Ensino Médio. Através da obra de Mary Shelley, se aspira despertar o interesse pelos clássicos da literatura mundial, proporcionando uma experiência literária rica e significativa.

A proposta não se limita à apreciação literária; visa também explorar as múltiplas facetas sociais presentes na obra: discriminação, abandono, construção de identidade, responsabilidade, isolamento e enfrentamento são temas que serão abordados à luz do

século XXI. Utilizando o conceito do monstruoso e a construção do mito como ponto de partida, convido os alunos a refletirem sobre as dinâmicas sociais contemporâneas, como também explorarem temas como a busca pela identidade, representada pela jornada da Criatura; a responsabilidade social, ilustrada pela negligência de Victor *Frankenstein* para com sua criação; e o isolamento social, evidenciado pela rejeição da Criatura pela sociedade.

A problematização central do projeto questiona como a literatura, considerada um bem tangível, conforme o conceito de Antônio Candido (2011), pode transformar a mentalidade dos jovens, formar leitores críticos e despertar o interesse por textos literários em diferentes contextos sociais. A proposta é utilizar *Frankenstein ou o Prometeu Moderno* como um agente social, desafiando os alunos a mergulharem nas complexidades da narrativa para ampliar suas perspectivas sobre identidade, sociedade e cultura.

A sequência didática está estruturada em ordem de aplicação cronológica, seguindo os passos estabelecidos por Cosson (2009), inclusive, tomei a liberdade para alterar, substituir ou excluir etapas que fujam do proposto, pois sei que a experiência é única e, portanto, esta sequência não se vê como definitiva, mas como um guia para que professores de diversas áreas, apaixonados pela literatura e crentes do seu poder de transformação, possam caminhar juntos, tendo em mãos um guia de fácil aplicação e didático, lúdico e simples, da forma como deve ser.

Embarquemos nessa jornada educacional única, onde a literatura se torna um veículo para a transformação pessoal e social.

1º ETAPA – MOTIVAÇÃO – 2 AULAS

Para iniciar os estudos sobre a obra de Mary Shelley, *Frankenstein ou o Prometeu Moderno*, será apresentada aos alunos a lenda predecessora da criatura criada pela autora, para tanto, aproveitando-se de todas as possibilidades que isso trará para dentro de sala, o professor irá, na próxima aula, ler uma reportagem intitulada *O golem: um homem de barro no gueto de Praga* disponível em <<https://nationalgeographic.pt/historia/grandes-reportagens/2907-o-golem-um-homem-de-barro-no-gueto-de-praga>> (replicada abaixo caso o link não esteja disponível), que será entregue aos alunos no seguinte formato: em folhas separadas, para leitura conjunta.

Para facilitar a sua vida, professor (a), deixarei separado o texto na página seguinte, para que você possa imprimir ou separá-lo do restante do texto. Também, ao final do produto, deixarei um link para o Google Drive com o texto separado em .doc e em PDF. Utilize o espaço em branco abaixo para anotações, alterações, insights, fique a vontade para adaptar a sequência para a sua realidade.

O Golem: um homem de barro no gueto de Praga

14 de Janeiro de 2022

Disponível em: <https://nationalgeographic.pt/historia/grandes-reportagens/2907-o-golem-um-homem-de-barro-no-gueto-de-praga>, acesso em 05 de setembro de 2022



Panorama noturno da cidade, atravessada pelo rio Moldava, sobre o qual se erguem várias pontes. Segundo a lenda, o rabi Löw usou barro das margens do rio para construir o golem.

Segundo uma lenda, no século XVI, um rabino de Praga criou um homem de barro para salvar a comunidade judaica da cidade.

Texto: Javier Alonso López

No século XIX, vários autores recolheram uma história curiosa que remontava ao tempo em que o imperador Rodolfo II (1552-1612) instalou a sua corte na cidade de Praga. Com efeito, contava-se que, após o desaparecimento de um rapaz cristão, o povo acusou os judeus moradores na capital checa de o terem raptado para o assassinar e utilizarem o seu sangue nos sacrifícios que realizavam durante a Páscoa. Tratava-se de uma acusação falsa, típica dos “libelos de sangue” suportados pelos judeus desde a Idade Média. Rodolfo II não teve outro remédio senão condenar ao desterro todos os judeus da cidade – ou mesmo matá-los, segundo algumas versões da história.

O homem de barro

Perante a ameaça que pairava sobre os judeus, um dirigente da sua comunidade, Judá Levi ben Betzalel, conhecido como rabi Löw, decidiu intervir. O rabino tivera um sonho em que lhe era ordenado que construísse um ser artificial conhecido na tradição judaica pelo nome de golem. O rabi Löw pediu ajuda a dois rabinos seus amigos e os três homens dirigiram-se à margem do rio Moldava (Vltava, em checo). Ali traçaram no barro a forma de um homem caído e desenharam o seu rosto, pernas e braços. Os dois rabinos amigos de Löw deram sete voltas cada um ao golem, enquanto recitavam alguns encantamentos. Depois disso a figura adquiriu um tom avermelhado, como se estivesse a arder. Quando arrefeceu, o mesmo Löw circundou-o sete vezes enquanto segurava uma Tora nas mãos.

Os três homens recitaram um versículo do Génesis (2,7): “Deus, nosso Senhor, formou o homem do pó da terra e insuflou-lhe pelas narinas o sopro da vida, e o homem transformou-se num ser vivo.” Por fim, o rabi Löw escreveu na testa do golem a palavra emet (“verdade” em hebraico), e o golem ganhou vida. Encarregado por Löw de procurar o rapaz desaparecido, o golem encontrou-o e apresentou-se com ele nos braços durante o julgamento realizado para condenar os judeus.

O rapaz declarou que o pai o obrigara a esconder-se no sótão da sua própria casa para provocar a destruição dos judeus. E foi assim que o golem salvou a comunidade judaica.

No entanto, a história não tem um final feliz. O golem começou a crescer sem parar e tornou-se violento e incontrolável, começando por matar vários gentios (ou seja, não judeus) e semeando o pânico em toda a cidade. Outras versões argumentam que chegou até a matar judeus. O rabino Löw teve de intervir novamente.



Na bíblia, o termo golem aparece com o sentido de “forma indefinida”, enquanto no Talmude (o corpo de comentários jurídicos e religiosos sobre a Bíblia) figura com o significado de “pessoa sem educação”. Daí a imagem do monstro: um ser disforme, de movimentos desajeitados e com pouca inteligência. Na imagem o rabino Löw com a sua criatura, o golem. Pintura. Século xx.

Depois de obter do imperador a promessa de que não atacaria os hebreus, eliminou a letra aleph da palavra emet que o golem tinha escrita na testa, que assim passou a significar «morte», em hebraico met. Privando-o assim de vida, Löw escondeu o golem no sótão da Sinagoga Velha-Nova de Praga, fechou-o à chave e deu ordens para que ninguém entrasse lá dentro. Foi a solução para confinar o monstro.

O que diz a Bíblia

A história do golem fascinou escritores e cineastas da nossa época, em parte devido às suas semelhanças com outros relatos, como o do monstro de *Frankenstein*. No entanto, no caso do golem, não estamos perante uma pura criação romanceada. O motivo encontra-se profundamente enraizado na tradição religiosa judaica. Com efeito, inspira-se directamente na Bíblia: o Génesis narra como Deus criou Adão a partir da terra – o nome Adam procede da mesma raiz hebraica que a palavra adamá, “terra” – insuflando-o com o sopro divino que não só lhe deu a vida, mas também uma alma. A partir desta passagem do Génesis, alguns estudiosos judeus especularam sobre a possibilidade de uma réplica humana do processo de criação divina, moldando uma figura de barro, o golem, à qual se dava vida através de uma série de rituais mágicos.



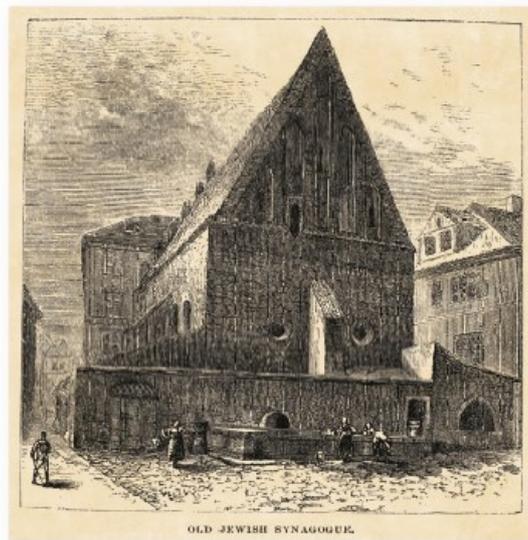
Fotograma do filme *O Golem*, de 1920. O actor e realizador Paul Wegener dá vida a lendária personagem de barro que, nesta cena, passeia pelas ruas de Praga.

Alguns rabinos interpretavam o golem num sentido místico e pensavam tratar-se apenas de uma metáfora sobre o despertar espiritual do ser humano após o seu contacto transcendente com Deus. Outros, em contrapartida, chegaram a pensar que uma pessoa piedosa, possuidora de conhecimentos especiais, poderia criar um ser humano artificial a partir de matéria inorgânica. Por esta razão, discutiu-se a possibilidade de, durante as suas primeiras horas de vida, Adão ter sido um golem, ou de o profeta Jeremias ter criado um pelos seus próprios meios. Durante a Idade Média, a obra cabalística *Sefer Yetzirah* (O Livro da Criação) converteu-se na principal fonte sobre as fórmulas mágicas específicas que permitiam dar vida

a um golem. Por exemplo, aconselhava-se o rabino a não realizar a tarefa sozinho, utilizar terra virgem e purificar-se previamente.

O golem chega a Praga

As lendas judaicas transmitidas pelo Talmude falam de vários rabinos que criaram um golem, pois qualquer sábio suficientemente próximo de Deus poderia fazê-lo. O folclore popular judaico da Idade Média também o mencionava. O foco destas histórias acabou por incidir na Polónia, o país que acolhia a comunidade judaica mais numerosa. Destacava-se, em particular, a figura de um estudioso e cabalista polaco do século XVI chamado Eliyahu de Chelm, que se dizia ter criado um golem que “crescia a cada dia e chegou a ser maior do que todos os que viviam na sua casa”. Tornou-se necessário matá-lo, retirando-lhe uma letra da testa. Por outro lado, nenhum testemunho indica que o rabi Löw, que viveu em Praga por volta da mesma época e também alcançou grande fama e prestígio, se tenha dedicado a criar um golem.



Em 1984, o checo Ivan Mackerle – um investigador do paranormal que se interessou, entre outros fenómenos, pelo monstro do Lago Ness – explorou, com um geo-radar, a cave da sinagoga Velha-Nova de Praga, onde segundo a lenda foram guardados os restos do golem. A análise revelou que nada havia sido enterrado na divisão, que fora remodelada no século XIX.

A associação do golem à cidade de Praga surgiu muito mais tarde, no século XIX. O primeiro a evocá-la foi o austríaco Franz Klutschak, jornalista e estudioso do folclore, que publicou uma história sobre o tema numa revista de Praga em 1841. Em 1847, o médico e folclorista judeu Leopold Weisel recolheu outra versão. O relato mais completo foi publicado em 1909 por um rabino e juiz judeu residente em Varsóvia, Yudl Rosenberg. Foi ele o inventor do rapto do rapaz cristão e da perseguição antijudaica, um episódio totalmente imaginário que contradiz o regime de relativa tolerância de que gozavam os judeus de Praga na época de Rodolfo II.



A lápide que cobre o túmulo do rabino Löw.

Seja como for, o golem permanece vivo na consciência popular judaica como metáfora da soberba do ser humano que pretende fazer o que lhe é proibido, o mesmo pecado que encontramos noutra criação humana mais recente: o *Frankenstein*. Tanto o golem de Praga como o *Frankenstein* acabam por revelar-se defeituosos e, no final, ingovernáveis, transformando-se num castigo contra os seus criadores por terem tentado imitar Deus.

Fonte: O golem: um homem de barro no gueto de Praga”. **National Geographic Portugal**. Disponível em: <https://nationalgeographic.pt/historia/grandes-reportagens/2907-o-golem-um-homem-de-barro-no-gueto-de-praga>. Acesso em 05 de setembro de 2022.

Com a leitura dessa reportagem, será introduzido aos alunos o conceito de “emergir”, ou seja, será explicado como surge uma história e, em consonância com os objetivos, os alunos serão colocados para refletir sobre como surgem os monstros e o que os caracteriza de forma superficial, da sua forma física, de como os enxergamos.

Nesse ponto, é importante fazer uma conexão mais explícita entre *Frankenstein* e a lenda do Golem. Ambos os textos lidam com a tentativa de criar vida artificial e as consequências éticas e morais disso.

Aqui, uma consideração importante: a exposição até o momento não é teórica nem tampouco prolongada, é preciso que os alunos estejam atentos para os objetivos. Estão sendo fomentados questionamentos a longo prazo, que deverão ser lembrados e rememorados conforme a leitura do livro for encaminhada.

Para envolver os alunos na leitura da reportagem sobre o Golem, estão planejadas algumas perguntas de discussão ou atividades. Por exemplo, será pedido aos alunos para comparar e contrastar a lenda do Golem com outras histórias de criação de vida artificial. Depois de ler a reportagem sobre o Golem, espera-se que os alunos pensem sobre como

essa história se compara a outras. Quais são as semelhanças e diferenças entre elas? Como a criação de vida artificial é retratada em cada uma delas?

Além disso, para conectar a lenda do Golem ao tema do projeto, será discutido como ela e outras histórias refletem as ansiedades da sociedade sobre a criação de vida artificial. Na era digital de hoje, essas ansiedades são ainda mais relevantes. Como a tecnologia avança, estamos cada vez mais confrontados com questões sobre a criação de vida artificial e suas implicações para a sociedade.

Professor(a), lembre-se que cada turma é única e o envolvimento com a atividade pode variar de acordo com o contexto social o qual o seu aluno está inserido, sinta-se livre para melhor adequar esta atividade para a sua realidade.

Para que seja possível verificar se os alunos absorveram esse conceito será solicitada a seguinte atividade na aula seguinte:

ATIVIDADE: Moldando Monstros: Uma Jornada de Criação e Reflexão

Materiais:

- Massa de modelar na cor marrom
- Folha sulfite A4
- Caneta e lápis de escrever.

Os alunos serão solicitados a reproduzir um Golem na massa de modelar. Esta atividade tem como objetivo descontraír o tema, colocar os alunos para brincar e imaginar como seria a criação de uma criatura e, em seguida, refletir, através da produção de um microconto, quais seriam as aflições dessa criatura no século XXI.

Para começar, serão fornecidas instruções claras e passo a passo para a modelagem do Golem. Isso pode incluir detalhes sobre o tamanho, a forma e os recursos que o Golem deve ter.

Em seguida, serão propostos questionamentos a serem escritos no quadro pelo professor:

- Como seria a relação do seu Golem na escola?
- Seu Golem andaria livremente pelas ruas sem julgamentos ou olhares atravessados?
- A sua criação seria sua amiga?
- O Golem estaria nas redes sociais?
- Você acha que o seu Golem sofreria algum tipo de discriminação ou isolamento por parte da sociedade?

Após a criação dos Golems, será organizada uma discussão em grupo onde os alunos poderão compartilhar suas criações e as histórias por trás delas. Isso pode ajudar a promover a empatia e a compreensão entre os alunos.

No final da atividade, os alunos serão convidados a escrever uma reflexão sobre o processo de criação do Golem e o que aprenderam com ele. Isso pode ajudar a consolidar o aprendizado e a conectar a atividade com os temas mais amplos do curso.

Finalmente, os alunos serão convidados a socializar suas produções com o restante da turma. É esperado que neste momento os alunos possam se sentir envergonhados. Cabe ao professor compreender que ali poderão estar representados os próprios alunos, com suas angústias e aflições. É momento de o professor aproximar-se dos alunos, compreendendo que a adolescência e a juventude é um momento de muitas descobertas e incertezas.

Ao ler a obra é natural – e espera-se – que em determinado ponto os alunos possam se identificar com a criatura e com as suas aflições. Estamos apostando nesse poder de geração de empatia para que eles prossigam com a leitura e possam, posteriormente, traçar paralelos entre a livro e a sua própria realidade. É nesse sentido que, neste momento, estamos os conduzindo.

Exemplo do Golem de Praga, vendido nas ruas da capital Checa:



Nesta atividade, os alunos são convidados a criar seu próprio Golem usando massa de modelar, refletindo sobre o processo de criação de vida artificial. Eles exploram questões éticas e morais, considerando como seria a existência de sua criação no mundo atual. Por meio de discussões em grupo e reflexões escritas, os alunos são incentivados a se conectar com os temas do livro *Frankenstein* e a considerar as implicações da criação de vida artificial na sociedade contemporânea.

Esta atividade serve como uma introdução envolvente à leitura do livro, preparando os alunos para traçar paralelos entre a obra e as suas próprias experiências.

2º ETAPA - INTRODUÇÃO (1 AULA)

Na primeira aula sobre a obra *Frankenstein*, vamos utilizar uma atividade disponível no texto *Material Digital Do Professor, Frankenstein ou o Prometeu Moderno*, de Renata Amaral de Matos Rocha (2021); neste momento, será apresentada aos alunos uma série de imagens criadas por Serge Frühauf.

Frühauf é um artista que faz parte de um coletivo de artistas chamado KLAT, composto por Jérôme Massard, Florian Saini e Konstantin Sgouridis, de Genebra, Suíça. As imagens são uma homenagem ao romance escrito por Mary W. Shelley, representando uma interpretação da criatura do livro *Frankenstein, ou o Prometeu Moderno*, esculpida em bronze.



Figura 1: Serge Frühauf

Fonte: artlog.net. Disponível em: < <https://www.artlog.net/en/art/frankie-aka-creature-doctor-Frankenstein>>. Acesso em 07 de setembro de 2022.



Figura 2: Serge Frühauf

Fonte: artlog.net. Disponível em: < <https://www.artlog.net/en/art/frankie-aka-creature-doctor-Frankenstein>>. Acesso em 07 de setembro de 2022.

A partir das imagens, serão estabelecidas perguntas problematizadoras que deverão ser respondidas oralmente pelos alunos, com o docente tomando nota das respostas e mediando um debate sobre as figuras apresentadas. Sugerimos que os estudantes estejam em círculo, de frente uns para os outros e que as imagens sejam projetadas em tamanho grande, num projetor multimídia.

As perguntas sugeridas são:

- Como você se sentiu ao ver a primeira imagem? Quais sentimentos emergiram em vocês?
- A primeira imagem diz alguma coisa para você com relação ao meio em que vivemos?
- Observando a segunda imagem, como você acredita que se comportaria ao encontrar uma Criatura como esta na rua? Qual seria sua impressão?
- Você sabe a que se referem essas imagens?

- Um ser como esse, teria Instagram? Você o seguiria nas redes sociais? Sob quais circunstâncias?

É importante deixar o debate fluir, sem que haja, neste momento inicial, interrupções teóricas e técnicas por parte do professor. Enquanto os alunos expuserem sobre suas impressões acerca da imagem é interessante tomar nota dos principais pontos apresentados por eles. É natural que surjam comparações, levar a discussão para esse caminho – da empatia e da assimilação consigo mesmo – pode ser um fator motivacional para a leitura da obra futuramente.

Após a discussão, o professor irá revelar que as imagens da escultura mostradas se referem a uma obra de arte que representa uma interpretação da criatura do livro *Frankenstein, ou o Prometeu Moderno*. Isso serve como uma introdução intrigante ao romance, despertando a curiosidade dos alunos sobre a história e seus temas.

3º ETAPA – LEITURA DA OBRA – 2 AULAS

A obra *Frankenstein ou o Prometeu Moderno* será introduzida aos alunos seguindo três passos introdutórios:

1º passo: Começar a aula perguntando aos alunos se eles já conhecem Mary Shelley. Após essa indagação inicial, o educador deve compartilhar com os estudantes detalhes relevantes sobre a vida e o trabalho da autora. Neste ponto, é importante ressaltar que Mary Shelley tinha apenas 19 anos quando escreveu seu livro.

Além disso, é fundamental contextualizar o cenário social, histórico e científico da Europa nos séculos XVIII e XIX. Para enriquecer ainda mais a discussão, seria interessante projetar uma imagem de Mary Shelley.

Segue um exemplo de contextualização da época:

Mary Shelley, a autora de *Frankenstein*, era uma mulher notável para o seu tempo. Nascida em 1797, ela viveu durante um período de grandes mudanças sociais e políticas, incluindo a Revolução Industrial na Inglaterra e a ascensão do movimento feminista. Shelley era filha de Mary Wollstonecraft, uma das primeiras feministas, que defendia fervorosamente a educação das mulheres.

No século XIX, as mulheres eram frequentemente excluídas da vida pública e intelectual. Elas tinham poucas oportunidades de educação formal e eram geralmente esperadas para se concentrar em tarefas domésticas e cuidar da família. No entanto, Shelley desafiou essas convenções sociais através de sua escrita.

Ao escrever *Frankenstein*, Shelley não só criou uma das primeiras e mais influentes obras de ficção científica, mas também ofereceu uma crítica perspicaz das limitações e possibilidades da ciência e da tecnologia. Através da história de Víctor *Frankenstein* e sua criatura, Shelley explora questões de identidade, responsabilidade e as consequências não intencionais da ambição desenfreada.

Ao estudar *Frankenstein*, os alunos não só ganharão uma apreciação pela literatura gótica do século XIX, mas também uma compreensão mais profunda do contexto histórico e social em que a obra foi escrita. Eles serão encorajados a considerar como o papel das mulheres na sociedade do século XIX pode ter influenciado a escrita de Shelley e como essas questões continuam relevantes hoje. Além disso, eles serão desafiados a refletir sobre as implicações éticas e morais da ciência e da tecnologia, tanto no tempo de Shelley quanto no nosso próprio tempo.



Figura 3: Reginald Easton's miniature of Mary Shelley (c. 1857). Disponível em: <https://www.techlearning.com/how-to/teaching-mary-shelley-and-Frankenstein>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2024.

A imagem escolhida é proposital. Mostra uma Mary Shelley jovem, com semblante inocente e olhar dissuadido, um retrato póstumo, que imagina como seria a jovem escritora antes de ser esposa de Percy Shelley (famoso poeta inglês). Isso para criar uma noção de proximidade entre estudantes e autora. Lembrar-se de que estamos apostando, como fator motivacional, na idade da autora e na identificação que os alunos possam ter com ela, mesmo tendo se passado mais de 200 anos da escrita do livro. É preciso que, nesse momento, seja colocado para os alunos o quão impressionante é uma jovem inglesa de apenas 19 anos, em pleno século XIX ter escrito uma obra com assuntos considerados transgressores e que eram tidos (e ainda são mantidos assim pela atual onda conservadora), como assuntos tabus.

Sugere-se a apresentação da autora e da obra com foco em temas como:

- Ter sido produzida por uma jovem mulher de 19 anos há 200 anos;
- Ser uma obra fruto do seu tempo, contudo, atemporal (temas novos);
- Ser reveladora, ao passo que trata de assuntos tão concernentes ao atual século XXI, conforme aponta Rocha (2022, p.12):

[...] reflexão sobre o significado da vida humana, a relação entre os sujeitos e entre eles e a natureza, a ambição desmedida, os limites das ciências e as consequências do uso inadequado do saber e das tecnologias. (...) discussões sobre abandono, solidão, vida e morte, aparência, identidade, responsabilidade científica e parental, entre várias outras.

2º passo: Apresentação dos livros disponíveis de *Frankenstein ou o Prometeu Moderno* disponível no acervo do professor, no acervo da escola e no acervo da biblioteca pública. Os alunos poderão manusear os livros e serão convidados a fazerem comparações entre capas, edição, qualidade das impressões e demais assuntos que surgirem no contexto da introdução do livro.

3º passo: A leitura em conjunto, em voz alta, na sala de aula, da *Introdução da autora para a edição da série Standart Novels (1831)*, disponível no prólogo da 1ª edição da Penguin Classics Companhia das Letras (2015) escrita por Mary Shelley, será realizada. Após a leitura, os alunos serão convidados a participar de uma dinâmica de nuvem de palavras (brainstorm) utilizando seus celulares através do site <https://www.mentimeter.com/pt-BR>. A pergunta feita para preenchimento desta nuvem de palavras será: Ao ler/ouvir a introdução da autora, defina, em uma palavra, o que você está sentindo agora.

Como alternativa analógica, os alunos também podem ser convidados a escrever suas respostas em post-its. Cada aluno escreverá uma palavra que descreva seus sentimentos após a leitura da introdução no post-it e a colará no quadro. Isso permitirá uma visualização física da “nuvem de palavras”, promovendo uma discussão mais tangível e interativa.

Esta pergunta servirá para se ter uma ideia da capacidade interpretativa dos alunos que, após passarem pela fase de motivação e introdução, poderão assimilar as dificuldades e as possibilidades de buscar uma identidade enquanto jovens e associá-las à leitura do livro. Esse resultado será guardado para a apresentação final do processo de aplicação da sequência didática expandida.

LEITURA

Sugerimos que haja, entre professor e os alunos, um acordo sobre os prazos de leitura para o livro. Por se tratar de uma proposta de leitura interdisciplinar os prazos devem ser adequados e verificados, pois os alunos podem ter outras leituras das disciplinas de Literatura ou Língua Portuguesa para serem feitas. A sugestão que damos, para um livro como *Frankenstein ou o Prometeu Moderno* é de cinco semanas de leitura com um cronograma estruturado, conforme modelo abaixo:

Sugestão de cronograma de leitura para <i>Frankenstein</i> ou o Prometeu Moderno	
1ª semana	Cartas de Walton
2ª semana	Capítulos de 1 a 10
3ª semana	Capítulos de 11 a 16
4ª semana	Capítulos de 17 a 24
5ª semana	Cartas de Walton

Elaborado pelo autor. (2024)

Ao estabelecer esse prazo em sala é importante acrescentar uma coluna ao lado das semanas contendo os prazos e reservar três dias para reuniões em contraturno com os alunos para debater o livro, ler trechos em voz alta e mantê-los atentos e motivados para a leitura. Por exemplo:

Sugestão de cronograma de leitura para *Frankenstein* ou o Prometeu Moderno

1ª semana	De ___/___ a ___/___	Cartas de Walton
2ª semana	De ___/___ a ___/___	Capítulos de 1 a 10
___/___/___		
Reunião para debate e discussão do livro em contraturno		
3ª semana	De ___/___ a ___/___	Capítulos de 11 a 16
4ª semana	De ___/___ a ___/___	Capítulos de 17 a 24
___/___/___		
Reunião para debate e discussão do livro em contraturno		
5ª semana	De ___/___ a ___/___	Cartas de Walton
___/___/___		

Reunião para debate e discussão do livro.

Elaborado pelo autor. (2024)

As reuniões pré-agendadas servirão como um sistema de verificações entre intervalos de leituras através de atividades em que não há imposição rígida de contrapartida discente, o diálogo interdisciplinar deve prevalecer (apresentar paisagens, trechos de filmes, músicas, elementos culturais).

4ª ETAPA - PRIMEIRA INTERPRETAÇÃO – 1 AULA

A pergunta problematizadora para essa etapa será:

Após ter lido *Frankenstein ou o Prometeu Moderno*, o que você sente necessário ser dito, escrito ou falado?

Atividade de Primeira Interpretação (Duração: 1 aula)

1. **Objetivo da Atividade:** Esta atividade tem como objetivo permitir que os alunos expressem suas impressões e interpretações iniciais após a leitura de *Frankenstein ou o Prometeu Moderno*.
2. **Formato das Atividades:**
 - **Caráter Narrativo:** Os alunos podem ser solicitados a escrever um relato narrativo sobre suas impressões e interpretações após a leitura do livro. Eles podem explorar os temas, personagens e eventos do livro em seu relato.
 - **Caráter Argumentativo:** Os alunos podem ser desafiados a escrever um texto argumentativo sobre um aspecto específico do livro. Eles podem argumentar sobre a moralidade das ações dos personagens, a relevância dos temas do livro na sociedade atual, entre outros.
 - **Relato sobre a Leitura:** Os alunos podem ser convidados a escrever um relato pessoal sobre sua experiência de leitura. Eles podem discutir como o livro os afetou pessoalmente, quais partes do livro eles acharam mais interessantes ou desafiadoras, e como suas opiniões sobre o livro mudaram à medida que avançavam na leitura.
3. **Entrega das Atividades:** Os textos produzidos pelos alunos serão entregues ao professor ao final da aula.
4. **Avaliação e Feedback:** O professor avaliará as atividades e fornecerá feedback aos alunos. Este feedback deve incluir inferências relevantes e evitar julgamentos

precipitados da obra. O objetivo é ajudar os alunos a aprofundarem sua compreensão da obra e aprimorarem suas habilidades de interpretação e expressão.

Esta atividade de primeira interpretação é uma parte importante do processo de aplicação da sequência didática expandida. Ela ajuda a estabelecer uma base sólida para as discussões e atividades subsequentes.

4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICO-CIENTÍFICA – 8 AULAS

CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICO-CIENTÍFICA DA ÉPOCA DA OBRA

Para uma compreensão mais abrangente do contexto teórico, científico, político e social da Inglaterra no final do século XVIII e início do século XIX, é crucial explorar o intervalo específico entre 1797 e 1818. Este período, que abrange o nascimento de Mary Wollstonecraft e a publicação de *Frankenstein ou o Prometeu Moderno*, testemunhou transformações significativas em diferentes esferas na Inglaterra e na Europa. Mudanças sociais, políticas e científicas moldaram esse cenário, desencadeando uma série de eventos e reflexões que ecoam na história.

A noção de contextualização teórica assume um papel crucial ao abordarmos a obra de Mary Shelley. Tradicionalmente, a literatura é frequentemente separada da história, mas ao seguirmos a abordagem inspirada em Dominique Maingueneau (1995), citado por Cosson (2009), entendemos que o contexto não é apenas a história externa à obra, mas algo intrínseco a ela, moldando sua inteligibilidade para o leitor.

A contextualização teórica em *Frankenstein* implica em considerar as ideias que permeavam o contexto intelectual e científico da época de Mary Shelley. No início do século XIX, a Revolução Industrial estava em pleno andamento, e os avanços na ciência e na tecnologia inspiravam tanto fascínio quanto preocupações éticas.

Mary Shelley escreveu a obra em um período em que as ideias do Romantismo e do Iluminismo coexistiam e muitas vezes colidiam. O contexto teórico da obra pode ser entendido como uma reflexão sobre as implicações morais e filosóficas da ciência e da busca desenfreada pelo conhecimento.

Em resumo, ao contextualizar teoricamente *Frankenstein*, propomos uma análise que vá além da mera história externa, considerando as ideias e debates intelectuais da época para compreender como Mary Shelley incorporou e desafiou esses elementos em sua obra. Essa abordagem enriquece a leitura, permitindo aos alunos explorarem as complexidades do pensamento da época e como essas questões ainda ressoam nos debates contemporâneos sobre ética científica e responsabilidade.

Para que esse trabalho ganhe ainda mais relevância, colocaremos os alunos no centro do processo, como protagonistas ativos, a partir das seguintes discussões:

TENSÃO ENTRE IDEIAS ROMÂNTICAS E PREOCUPAÇÕES ÉTICAS	DISCUSSÕES SOBRE A NATUREZA HUMANA, AUTONOMIA DA CRIAÇÃO E RESPONSABILIDADES MORAIS	CONTRIBUIÇÃO DOS AVANÇOS CIENTÍFICOS DA ÉPOCA
<p>- No contexto romântico, as ideias de busca pela transcendência eram marcadas por um anseio por experiências extremas, explorando limites e desafiando convenções. <i>Frankenstein ou o Prometeu Moderno</i> reflete essa busca através da narrativa de Victor <i>Frankenstein</i>, que almeja superar as barreiras entre vida e morte.</p> <p>- Destacar como o Romantismo valoriza a individualidade, a emoção e a expressão artística. No entanto, essa busca pela transcendência na criação da vida artificial coloca Victor em uma jornada que, ironicamente, resulta em consequências trágicas.</p> <p>- Ao explorar essa tensão, os alunos podem analisar como Mary Shelley questiona os limites éticos da ambição científica, sugerindo que a busca pela transcendência deve ser cuidadosamente ponderada e ética, evitando consequências desastrosas.</p>	<p>- O contexto teórico de <i>Frankenstein ou o Prometeu Moderno</i> se aprofunda nas discussões sobre o que significa ser humano. A criação de um ser artificial por Victor levanta questões sobre a identidade, a alma e a autonomia da criação.</p> <p>- A responsabilidade moral do cientista em relação à sua criação é um tema central. Pode-se destacar como Victor <i>Frankenstein</i> se torna responsável pelas ações e pelo sofrimento de sua criatura, apontando para dilemas éticos associados à inovação científica.</p> <p>- As discussões em sala de aula podem abranger conceitos filosóficos sobre ética, autonomia e a responsabilidade moral do criador em relação à criatura. Isso estimulará os alunos a refletirem sobre as implicações éticas das atividades científicas na sociedade.</p>	<p>- A atmosfera de questionamento sobre os limites éticos da ciência, influenciada pelos avanços científicos da época, é um ponto crucial para a contextualização teórica. Os alunos podem explorar como os avanços na anatomia, representados pela dissecação de cadáveres, e os experimentos com eletricidade alimentaram a imaginação de Mary Shelley.</p> <p>- É possível conectar esses avanços ao temor e fascínio em torno da manipulação da vida e da morte. Isso pode fornecer uma compreensão mais profunda de como o contexto científico específico influenciou a criação da obra e como as preocupações éticas da autora se refletem nas páginas de <i>Frankenstein ou o Prometeu Moderno</i>.</p>

Fonte: Elaborada pelo autor (2024).

Os alunos no centro do processo é uma etapa importante para colocar a obra em relevância para seus contextos presentes, de forma que o seguinte plano de aula é proposto para se trabalhar nas três frentes de análise propostas:

**EXPLORANDO CONTEXTOS EM *FRANKENSTEIN OU O PROMETEU*
MODERNO COM METODOLOGIA ATIVA**

Objetivo Geral

Os alunos irão explorar ativamente os contextos históricos, éticos e científicos relacionados à obra *Frankenstein ou o Prometeu Moderno*, promovendo uma compreensão mais profunda dos temas abordados por Mary Shelley.

Objetivos Específicos

- Compreender as tensões românticas presentes em *Frankenstein ou o Prometeu Moderno*.
- Analisar as preocupações éticas relacionadas à manipulação da natureza e dos limites da ciência.
- Explorar discussões sobre a natureza humana, autonomia da criação e responsabilidades morais do cientista.
- Conectar os avanços científicos da época, como eletricidade e anatomia, ao contexto da obra.
- Desenvolver habilidades de pesquisa, apresentação e debate.

Metodologia

Aula 1: Introdução e Discussão (50 minutos):

Apresentação do tema: "Explorando Contextos em *Frankenstein*."

Discussão em sala de aula sobre os temas-chave: tensões românticas, preocupações éticas, natureza humana e avanços científicos.

Breve contextualização histórica do período em que Mary Shelley escreveu a obra.

Aula 2: Formação de Grupos (30 minutos):

Divisão da turma em grupos pequenos de 4 a 5 alunos.

Atribuição de um contexto específico para cada grupo (romantismo, ética científica, natureza humana, avanços científicos).

Aulas 3 e 4: Pesquisa Independente (2 horas em sala de computadores ou como tarefa de casa):

Cada grupo realiza pesquisas online e em fontes bibliográficas sobre o contexto atribuído.

Encorajamento para analisar conexões entre o contexto e *Frankenstein ou o Prometeu Moderno*.

Aula 5: Elaboração de Relatórios (50 minutos):

Cada grupo cria um relatório detalhado sobre o contexto atribuído.

Inclusão de informações sobre o período histórico, principais ideias e debates, e como esses elementos se refletem na obra.

Aula 6: Sessão de Compartilhamento (60 minutos):

Apresentações dos grupos sobre seus contextos.

Uso de recursos visuais (slides, cartazes) para destacar pontos-chave.

Perguntas e discussões após cada apresentação.

Aula 7: Debate e Discussão (40 minutos):

Debate em sala de aula sobre as conexões encontradas entre os contextos e elementos específicos de *Frankenstein ou o Prometeu Moderno*.

Estímulo à participação ativa e discussões informadas sobre ética, ciência e literatura.

Aula 8: Reflexão Individual (30 minutos):

Os alunos escrevem reflexões individuais sobre o que aprenderam durante a atividade. Destaque para como a metodologia ativa contribuiu para uma compreensão mais profunda dos contextos em *Frankenstein ou o Prometeu Moderno*.

Avaliação

Avaliação contínua durante as pesquisas, elaboração de relatórios, apresentações e debate.

Reflexões individuais avaliadas quanto à capacidade de conexão entre conceitos e compreensão do processo de aprendizagem.

Recursos Necessários

- Computadores com acesso à internet.
- Livros didáticos, artigos acadêmicos e outras fontes de pesquisa.
- Quadro branco ou flipchart.
- Recursos visuais preparados pelos grupos (slides, cartazes).

Observações Finais

Este plano de aula busca proporcionar uma experiência de aprendizado ativo, incentivando os alunos a explorarem, conectarem e refletirem sobre os contextos de *Frankenstein ou o Prometeu Moderno*. A flexibilidade é importante, permitindo adaptações conforme as necessidades da turma. A participação ativa e o engajamento são fundamentais para o sucesso da metodologia proposta. O posicionamento docente também é preponderante para o sucesso da atividade, cabe ao professor (a) estimular, desenvolver e mediar os processos de aprendizagem que este plano propõe.

Fonte: o autor (2024).

É possível ainda aprofundar mais os temas, dando aos alunos maiores possibilidades. A tabela abaixo tem por objetivo instrumentalizar o professor quanto aos temas possíveis.

TEMA	CONTEXTUALIZAÇÃO
Teoria Evolutiva	No campo científico, o naturalista inglês Charles Darwin desenvolveu suas ideias sobre a evolução das espécies, que seriam posteriormente publicadas em <i>A Origem das Espécies</i> (1859). No entanto, os anos que antecederam essa publicação foram cruciais para o desenvolvimento dessas ideias, sobretudo com Erasmus Darwin (1731-1802), como a própria autora conta no prefácio de 1831: “eles (Byron e Shelley) discutiram os experimentos de Darwin [...]” (SHELLEY, 2023, p.50).
Filosofia Política	Filósofos políticos como Edmund Burke e Thomas Paine expressaram visões contrastantes sobre a Revolução Francesa, representando diferentes perspectivas sobre governo e mudança social.
Guerras Napoleônicas	Durante esse período, a Inglaterra estava envolvida nas Guerras Napoleônicas contra a França, lideradas por Napoleão Bonaparte. Isso teve um impacto significativo na política e economia britânicas.
Industrialização e Urbanização	A Revolução Industrial estava em pleno andamento na Inglaterra, transformando a sociedade de uma economia agrária para uma industrial. Isso levou a uma rápida urbanização, com a migração de pessoas do campo para as cidades em busca de emprego nas fábricas.
Condições de Trabalho	As condições de trabalho nas fábricas eram frequentemente difíceis, com longas jornadas de trabalho, salários baixos e falta de regulamentação. Isso levou a movimentos de trabalhadores e sindicatos em busca de melhores condições.
Questões Sociais e Pobreza	A industrialização também contribuiu para o aumento da pobreza e das disparidades sociais. Muitas famílias enfrentavam condições de vida precárias nas áreas urbanas.
Repressão e Controle Social	O governo britânico, temendo movimentos revolucionários inspirados na Revolução Francesa, implementou medidas repressivas, como a Lei dos Cartistas em 1819, para controlar a agitação social e restringir os direitos políticos.

Crescimento do Movimento Abolicionista	Nesse período, houve um aumento do movimento abolicionista na Inglaterra, buscando o fim do comércio de escravizados e, eventualmente, a abolição da escravidão.
Cultura e Literatura	O Romantismo floresceu na literatura e nas artes durante esse período, com autores como Jane Austen, William Blake e os poetas românticos como Lord Byron e Willian Wordsworth. O movimento romântico, que valoriza a emoção e a individualidade, é evidente no livro. O monstro, rejeitado pela sociedade, reflete a solidão e o isolamento que muitos românticos exploraram em suas obras.
Avanços Científicos	O livro reflete a fascinação da época pelos avanços científicos e pela experimentação. A história do Dr. Victor Frankenstein, que forja uma criatura através de métodos científicos, aborda as implicações éticas e morais da manipulação da vida.
Questões Éticas e Morais	A história levanta questões profundas sobre a ética da criação e responsabilidade. Victor Frankenstein é confrontado com as consequências de brincar com a vida e seu fracasso em assumir a responsabilidade leva a tragédias.
Medo da Mudança e da Diferença	A rejeição e o medo do desconhecido são temas explorados no livro. O monstro, por sua aparência diferente, é marginalizado e temido pela sociedade, ilustrando as preocupações sociais da época em relação à mudança e à diferença.
Críticas à Ambição Descontrolada	A história adverte sobre os perigos da ambição descontrolada e da busca excessiva por conhecimento sem considerar as implicações éticas. Isso pode ser associado ao contexto social da época, onde mudanças rápidas e inovações tecnológicas levantavam questões sobre seus limites.

Fonte: o autor (2024).

Ao conectar esses elementos, *Frankenstein ou o Prometeu Moderno* oferece uma reflexão profunda sobre as consequências éticas e sociais da busca pelo conhecimento e do avanço científico em um contexto de transformações significativas na sociedade e na ciência do século XIX. Para Harkup (2023, p.37):

Mary Shelley Viveu em uma época de novas oportunidades para mulheres na área da educação. Embora tenha nascido em uma família de arranjo vergonhoso e de renda bastante limitada, Mary teve uma infância invejável - ainda que pouco convencional - no tocante à educação e incentivo intelectual. Passou seus primeiros anos entre

livros e a companhia de escritores, artistas, cientistas e filósofos. Não surpreende – e talvez fosse até esperado – que Mary tenha se tornado escritora. O que não se podia prever é que ela concebesse uma criatura como o monstro de *Frankenstein*.

Portanto, ao mergulhar nas oportunidades educacionais peculiares de sua época, Mary Shelley não apenas desafiou as limitações impostas às mulheres, mas também construiu um caminho único para si mesma. Sua infância, marcada por um ambiente pouco convencional, foi permeada por livros e pela influência de escritores, artistas, cientistas e filósofos. Nesse contexto rico em estímulos intelectuais, Mary desenvolveu uma mente aguçada e uma imaginação vibrante. Embora sua trajetória pudesse prever uma carreira literária, a verdadeira surpresa reside na criação da criatura de *Frankenstein*, um monstro que ecoa os questionamentos e desafios da própria sociedade da época. Assim, a genialidade de Mary Shelley transcende não apenas as expectativas literárias, mas também as fronteiras do que era concebível em sua era.

4.2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA – 3 AULAS

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Dentre os principais fatos históricos que ocorreram na Inglaterra – e na Europa – entre 1797 e 1851, pode-se citar a Revolução Industrial e o Iluminismo. Além disso, destacam-se também o período romântico e a era vitoriana, que marcaram profundamente a cultura e a sociedade da época.

<p>A Revolução Industrial: A obra <i>Frankenstein</i> foi escrita no século XIX, época em que a Revolução Industrial estava em pleno desenvolvimento na Inglaterra, país em que a autora viveu. É possível explorar as consequências da Revolução Industrial na sociedade da época, como a urbanização, a exploração dos trabalhadores e a desigualdade social, e como esses temas são abordados na obra.</p>	<p>O Iluminismo: O Iluminismo foi um movimento filosófico e cultural que influenciou a Europa do século XVIII e XIX, e que valorizava a razão, a ciência e a liberdade individual. É possível trabalhar a relação entre o Iluminismo e a obra <i>Frankenstein</i>, destacando a importância da razão e da ciência na narrativa e como essas ideias se relacionam com a sociedade da época.</p>
<p>O período Romântico: A obra <i>Frankenstein</i> foi escrita no período Romântico, um movimento literário que valorizava a emoção, a imaginação e a natureza. É possível explorar a relação da obra com esse movimento, destacando o uso da imaginação e a valorização da natureza e do sobrenatural na narrativa.</p>	<p>A Era Vitoriana: A Era Vitoriana foi um período da história inglesa que se estendeu de 1837 a 1901, durante o reinado da Rainha Vitória. É possível trabalhar a relação da obra com a sociedade e a cultura da Era Vitoriana, explorando temas como a moralidade, a religião e a família na narrativa.</p>

Na busca por se aproximar de Cosson (2009), que explica a contextualização histórica como a busca por estabelecer uma relação entre a obra literária e a sociedade que a originou ou que ela se propõe a abordar internamente, nesse sentido, é crucial evitar transformá-la em uma mera busca exaustiva por dados historicamente estabelecidos, visando verificar sua exatidão. Em vez disso, o enfoque deve ser na busca pela dimensão histórica intrínseca a toda obra literária, seja como representação, produção ou uma combinação de ambas as formas. Resguarda-se, dessa forma, a tabela acima, que denota

uma visão geral da época; no intuito de aprofundar-se na obra, iremos atuar, nesta etapa, utilizando o Design Thinking como metodologia ativa para a compreensão histórica do livro. Trata-se de uma abordagem centrada no ser humano para resolver problemas complexos e criar soluções inovadoras. Podemos aplicar o Design Thinking ao processo de contextualização histórica em *Frankenstein ou o Prometeu Moderno* da seguinte maneira:

Desing Thinking e contextualização histórica em *Frankenstein ou o Prometeu Moderno*

1º) Começar entendendo as necessidades e perspectivas dos alunos. Realizar discussões em grupo para explorar as experiências e conhecimentos prévios dos alunos sobre o contexto histórico da época de *Frankenstein ou o Prometeu Moderno*. Isso pode ser feito por meio de atividades de brainstorming e discussões abertas.

2º) Definição do Problema: Identificar as questões específicas que os alunos desejam explorar ao contextualizar historicamente *Frankenstein ou o Prometeu Moderno*. Pode ser o entendimento das condições sociais, influências biográficas de Mary Shelley ou as implicações da obra na sociedade da época.

3º) Ideação: Promover sessões criativas para gerar ideias sobre como abordar a contextualização histórica. Isso pode envolver atividades como mapas conceituais, esboços visuais ou até mesmo dramatizações de cenários históricos relevantes.

4º) Prototipagem: Criar protótipos de abordagens para a contextualização histórica. Isso pode incluir esboços de atividades em sala de aula, recursos de aprendizado, ou até mesmo um plano de aula interdisciplinar que integre história, literatura e outras disciplinas.

5º) Teste: Implementar as abordagens propostas em sala de aula e coletar feedback dos alunos. Analisar a eficácia das atividades de contextualização histórica e fazer ajustes conforme necessário.

6º) Implementação: Com base no feedback e nos ajustes, implementar a abordagem final de contextualização histórica. Isso pode envolver a criação de materiais de apoio, roteiros de aula e recursos educacionais que facilitem a compreensão do contexto histórico de *Frankenstein ou o Prometeu Moderno*.

É importante lembrar que o Design Thinking é um processo iterativo, e cada fase pode envolver várias interações até alcançar uma solução eficaz. A ideia é envolver os alunos ativamente no processo de aprendizagem, tornando a contextualização histórica de *Frankenstein* mais envolvente e significativa para eles.

Dentre as muitas possibilidades de serem tratadas com a obra e com a etapa de contextualização história, cabe lembrar, apoiados em Cosson (2009), que a sequência expandida não busca estabelecer um caminho único de atuação, mas dar ao docente possibilidades de aprofundar-se mais na obra trabalhada.

Professor(a), o Design Thinking é uma metodologia ativa viva e dinâmica, que se adapta as mais diferentes realidades em sala de aula, desta forma, sinta-se à vontade para alterar, mudar, suprimir ou ampliar as propostas aqui elencadas.

Outras questões que podem ser trabalhadas neste momento são:

No contexto da escrita de *Frankenstein ou o Prometeu Moderno* por Mary Shelley no início do século XIX na Inglaterra, é imperativo investigar as condições sociais, políticas e culturais que moldaram a visão da autora. Examinar eventos históricos marcantes, como a Revolução Industrial, proporciona insights sobre como fatores dessa natureza podem ter influenciado as percepções de Shelley em relação à ciência, ética e sociedade.

Além disso, para uma compreensão mais abrangente, é essencial evitar uma abordagem estreita da história, indo além dos eventos específicos. Buscar compreender os movimentos culturais, filosóficos e científicos da época, como o surgimento do Romantismo, proporciona um contexto mais amplo para a análise de *Frankenstein ou o Prometeu Moderno* e suas implicações sobre a natureza humana.

Ao analisar a obra em sua relação com a sociedade da época, é fundamental questionar como os temas abordados pela autora refletem ou desafiam as normas sociais e as expectativas do período. Isso envolve explorar como a narrativa se posiciona diante

dos debates intelectuais em curso, questionando e influenciando a compreensão da sociedade sobre ciência e ética.

A vida de Mary Shelley desempenha um papel crucial na formação do texto literário. Ao explorar suas experiências pessoais, influências familiares, relações e o ambiente intelectual em que cresceu, podemos entender melhor como eventos específicos de sua vida se refletiram na obra. A influência de pessoas próximas, como seu marido, Percy Bysshe Shelley, e seu círculo literário, também desempenha um papel significativo nesse contexto.

Para uma compreensão mais completa, é essencial investigar as condições de publicação do livro. Compreender como o livro foi inicialmente recebido e se houve polêmicas em torno de sua publicação oferece insights valiosos sobre a interpretação contemporânea da obra e como ela foi recebida pela crítica.

Por fim, ao explorar a vida cotidiana na Inglaterra do início do século XIX, abordando temas como estrutura social, avanços científicos e disputas culturais, é possível identificar elementos dessas controvérsias que podem ter se refletido na narrativa do texto. Isso é particularmente relevante ao examinar a criação e o papel da ciência na sociedade, ampliando ainda mais a compreensão da obra no contexto histórico.

4.3 CONTEXTUALIZAÇÃO ESTILÍSTICA – 3 AULAS

CONTEXTUALIZAÇÃO ESTILÍSTICA

Frankenstein de Mary Shelley, publicado em 1818, é uma obra que se destaca no contexto do romantismo literário, um movimento que enfatiza a emoção, a individualidade e a imaginação. No romance, encontramos reflexos do zeitgeist¹ romântico, explorando temas como a busca desenfreada pelo conhecimento e as consequências éticas das inovações científicas, características do período marcado por avanços tecnológicos e a Revolução Industrial.

O contexto histórico e cultural da época, permeado por avanços científicos e mudanças sociais, influenciou diretamente a trama do texto. A criação da criatura por Victor Frankenstein pode ser interpretada como uma alegoria das preocupações em relação ao poder da ciência e suas implicações éticas, oferecendo uma visão crítica das consequências do progresso científico desenfreado. (CONCEIÇÃO; PORTO; COUTO, 2020).

Além disso, a obra aborda temas românticos como a solidão e a alienação social. (VASCONCELOS, 2002). Tanto Victor quanto a criatura enfrentam rejeição e isolamento, destacando a preocupação romântica com a individualidade e a luta contra as normas sociais. A narrativa reflete a tensão entre a aspiração humana pela transcendência e a realidade da alienação que muitas vezes acompanha tais aspirações.

PLANO DE AULA PARA A CONTEXTUALIZAÇÃO ESTILÍSTICA: EXPLORANDO *Frankenstein* NO CONTEXTO DO ROMANTISMO COM A METODOLOGIA DE SALA DE AULA INVERTIDA

Objetivo Geral:

Compreender a obra *Frankenstein* de Mary Shelley no contexto do movimento literário romântico, analisando influências históricas, temáticas românticas e aspectos estilísticos.

Preparação (Lições Online):

1. Introdução ao Romantismo:

¹ O termo "zeitgeist" é de origem alemã e pode ser traduzido literalmente como "espírito do tempo". Ele é usado para descrever o clima cultural, intelectual e moral de uma época específica na história. O zeitgeist reflete as características dominantes de uma determinada era, incluindo suas ideias, valores, crenças e tendências culturais.

- Apresentar um vídeo ou recursos online sobre as características do movimento romântico literário, destacando os valores, ideias e temas prevalentes.
- Propor leitura de textos complementares que abordem o zeitgeist romântico.

Observação: Na internet são encontrados inúmeros recursos nas ferramentas de busca e plataformas de hospedagem de vídeos para encontrar vídeos, textos e recursos on-line que melhor se adaptem a sua turma, estilo de aula e proposta.

2. Contextualização de Frankenstein

- Disponibilizar um vídeo ou material online que discuta a vida de Mary Shelley, o contexto histórico em que *Frankenstein* foi escrito e a relação da obra com o movimento romântico.

Aula Presencial (Discussão e Análise em Grupo):

3. Discussão em Grupo:

- Dividir a turma em grupos pequenos e designar trechos específicos de *Frankenstein* para leitura prévia.
- Os grupos analisarão os trechos, identificando elementos românticos, conexões com o contexto histórico e implicações sociais.

4. Apresentação e Discussão em Sala:

- Cada grupo apresenta suas análises para a classe, discutindo como os elementos românticos estão incorporados na obra.
- Encorajar a discussão sobre como o zeitgeist romântico influencia a narrativa.

Atividade Individual (Síntese):

5. Escrita Reflexiva:

- Os alunos escrevem reflexões individuais, conectando os elementos românticos de *Frankenstein* com as características do movimento romântico, evidenciando compreensão crítica.

Pós-Aula (Aprofundamento e Avaliação):

6. Leitura Complementar:

- Propor a leitura de artigos acadêmicos ou textos adicionais que explorem a relação entre *Frankenstein* e o Romantismo.

7. Avaliação:

- Avaliar a participação ativa dos alunos nas discussões em grupo e em sala, além da qualidade das reflexões individuais.
- Incentivar feedback para aprimoramento contínuo.

Recursos:

- Vídeos online, textos complementares, cópias de *Frankenstein*, ferramentas online para discussões em grupo.

Observações:

Este plano de aula visa promover uma compreensão profunda de *Frankenstein* no contexto do Romantismo, incentivando a participação ativa dos alunos e desenvolvendo habilidades analíticas e críticas. A metodologia de sala de aula invertida permite que os alunos assumam um papel ativo em sua aprendizagem, explorando conceitos antes da aula presencial e aplicando-os durante as discussões em grupo e atividades individuais.

4.4 CONTEXTUALIZAÇÃO CRÍTICA – 2 AULAS

CONTEXTUALIZAÇÃO CRÍTICA

A abordagem crítica da obra será conduzida a partir da perspectiva da própria autora, Mary Shelley, conforme expressa na Introdução que ela escreveu para a edição da série Standard Novels de *Frankenstein*, publicada 13 anos após a publicação original em 1818, ou seja, em 1831. Como complemento a esse estudo, será fornecido aos alunos o texto correspondente, a ser anexado em seus cadernos.

Durante a leitura coletiva em sala de aula, nosso enfoque não se limitará à análise do que a crítica literária produziu sobre a obra, mas também buscará aprofundar-se na visão única da autora sobre sua própria criação, conforme orientado por Cosson (2009). Nesse sentido, serão apresentadas aos alunos perguntas específicas, as quais podem ser transcritas no quadro, distribuídas em cópias impressas ou projetadas por meio de um projetor.

1) Como as experiências e desafios vividos por Mary Shelley, conforme descritos no prefácio, influenciaram a criação de *Frankenstein*, e de que forma essas influências podem ser percebidas na obra?

2) A partir das informações fornecidas por Mary Shelley sobre as alterações realizadas na obra, como ela equilibrou a preservação da essência e substância da história com as correções no estilo, indicando assim a importância que atribuía à forma literária de sua narrativa?

3) Qual é a atitude de Mary Shelley em relação às expectativas dos editores e à recepção do público em relação a *Frankenstein*, considerando sua declaração de afeição pela "horrenda criatura" que gerou nos dias felizes e sua abordagem na resposta à pergunta sobre a origem da história?

ANEXO

Introdução da autora a edição de série da Standard Novels (1831)

Os editores da série Standard Novels, ao selecionarem *Frankenstein* como um dos romances da coleção, expressaram-se no sentido de que eu deveria lhes fornecer algum relato sobre a origem da história. Atendo ao pedido com ainda maior satisfação porque darei, assim, uma resposta geral à questão com que tão frequentemente me abordam. “Como teria eu, então uma jovem, chegado a ideia tão horripilante e, depois, a elucubrar tão longamente sobre ela?” É verdade que sou bastante avessa a aparecer eu mesma em letra impressa; mas, como meu relato será publicado apenas como complemento a uma produção anterior, e como ficará restrito a tópicos que tenham ligação tão somente com minha condição de autora, certamente não poderei acusar a mim mesma de intromissão pessoal.

Não chega a surpreender que, como filha de duas pessoas de notória celebridade literária, l muito cedo na vida eu tenha pensado em escrever. Quando criança, garatujava minhas coisas; e meu passatempo favorito, nas horas em que me permitiam alguma recreação, era “escrever histórias”. Porém, cultivava com ainda mais deleite outro prazer: a construção de castelos no ar — perder-me sonhando acordada, seguindo seqüências de pensamentos cuja tônica era a formação de uma sucessão de incidentes imaginários.

Meus sonhos eram, a um só tempo, mais fantásticos e mais agradáveis do que meus escritos. Na escrita, eu era uma imitadora fiel — antes fazendo como outros já haviam feito do que anotando as sugestões de minha mente. O que eu escrevia era endereçado a pelo menos mais um olho — o de uma amiga e companheira de infância; mas meus sonhos eram só meus; não prestava contas deles a ninguém; eram meu abrigo quando eu me aborrecia — meu mais amado prazer quando deixada livre.

Vivi basicamente no campo, quando menina, e passei um tempo considerável na Escócia. Fiz visitas ocasionais a regiões mais pitorescas, porém minha residência habitual foi a margem norte, inóspita e lúgubre, do rio Tay, perto de Dundee. Inóspita e lúgubre conforme lembro em meu retrospecto; na época, não me parecia assim. Era o alto refúgio da liberdade, o lugar que, despreocupada, eu podia partilhar com minhas criaturas imaginárias. Eu escrevia na época, mas no estilo mais trivial. Foi debaixo das árvores do terreno em que ficava nossa casa, ou para os lados mais áridos das montanhas sem vegetação próximas dali, que minhas verdadeiras composições, os voos altos de minha imaginação, nasceram e prosperaram. Não me fiz heroína de minhas próprias histórias. A vida, no que concernia a mim

mesma, me parecia um tema por demais banal. Nem cogitava que assombros românticos ou eventos maravilhosos estivessem a meu alcance; mas eu não estava confinada à minha identidade e podia povoar as horas com criações muito mais interessantes para mim naquela idade do que eram minhas próprias sensações.

Depois disso minha vida tornou-se mais ocupada, e a realidade assumiu o lugar da ficção. Meu marido, no entanto, desde o início mostrou-se ansioso para que eu me provasse à altura de minha família e inscrevesse meu nome no rol da fama. Não cessava de me incentivar a construir uma reputação literária, algo àquela altura com que eu mesma me importava, embora desde então tenha me tornado infinitamente indiferente a isso. Naquela época, ele desejava que eu escrevesse não tanto pela ideia de eu poder produzir algo digno de nota, mas para que ele próprio pudesse avaliar se eu representava uma promessa de coisas melhores para dali em diante. Ainda assim, nada escrevi. As viagens e a dedicação à família ocupavam-me o tempo; e o estudo, na forma de leitura e do aperfeiçoamento de minhas ideias em contato com a mente muito mais cultivada de meu marido, foi o único empreendimento literário a que dediquei atenção.

No verão de 1816, visitamos a Suíça e nos tornamos vizinhos de Lorde Byron. De início, passávamos horas agradáveis no lago, ou passeando às suas margens; e Lorde Byron, que escrevia o terceiro canto de *Childe Harold*, era o único de nós a colocar seus pensamentos no papel. Os quais, à medida que sucessivamente nos mostrava, envoltos em toda a luz e em toda a harmonia próprias da poesia, pareciam marcar como divinas as glórias do céu e da terra cujas influências partilhávamos com o poeta.

Mas aquele acabou sendo um verão úmido e desagradável, em que a chuva incessante com frequência nos confinava durante dias em casa. Alguns volumes de histórias de fantasmas, traduzidas do alemão para o francês, caíram em nossas mãos. Uma delas foi *History of the Inconstant Lover* [História do amante inconstante], o qual, quando imaginava ter firme consigo a noiva a quem fizera votos de casamento, via-se nos braços do pálido fantasma da moça que abandonara. Havia o conto do fundador de sua família, que, por ser um pecador, viu-se miseravelmente condenado a presentear com o beijo da morte todos os filhos mais jovens de sua desgraçada família, quando atingiam a idade mais promissora. Sua gigantesca e obscura forma, trajada como o fantasma de Hamlet, com armadura completa, mas com a viseira levantada, era vista à meia-noite, à luz bruxuleante da lua, a avançar vagarosa ao longo da sombria avenida. A forma confundia-se com a sombra dos muros do castelo; mas logo um portão se

escancarava, ouvia-se um passo, a porta do quarto se abria e ele se lançava sobre o leito daquela florescente juventude embalada por um sono saudável. Eterno sofrimento tomava-lhe o rosto ao se curvar e beijar na testa os meninos, que dali em diante definhariam como flores cortadas no talo. Não reli essas histórias desde então; mas o que se passava nelas continua fresco em minha mente como se as tivesse lido ontem.

“Cada um de nós escreverá uma história de fantasmas”, disse Lorde Byron; e sua proposta foi acatada. Éramos quatro. O nobre autor começou a sua, fragmento da qual publicou ao final de seu poema *Mazeppa*. Shelley, mais apto a encapsular ideias e sentimentos na resplandescência de imagens luminosas e na música do mais melodioso verso a adornar nossa língua do que a inventar a engrenagem de uma história, baseou-a na experiência de seus primeiros anos. O pobre Polidori veio com a terrível ideia de uma moça cuja cabeça era um crânio, punição porque espiava por uma fechadura — esqueci o que tentava ver — algo muito chocante e feio, claro; mas, com a personagem reduzida a uma condição pior que a do célebre Tom de Coventry, Polidori não soube mais o que fazer com ela e foi obrigado a despachá-la para a sepultura dos Capuleto, único lugar que lhe parecia cabível. Também os ilustres poetas, exasperados pela trivialidade da prosa, rapidamente abandonaram a aborrecida tarefa.

Eu, de minha parte, ocupava-me em pensar uma história — e uma história que rivalizasse com aquelas que nos haviam incentivado ao desafio. Uma história capaz de falar aos misteriosos temores de nossa natureza e de despertar um horror arrepiante — uma história que fizesse o leitor ter medo de olhar à sua volta, que congelasse seu sangue nas veias e lhe acelerasse as batidas do coração. Se eu não conseguisse isso, meu conto de fantasmas não seria digno do nome. Eu pensava e ponderava — em vão. Sentia aquele vazio da incapacidade inventiva que é o maior tormento de quem escreve, quando o que vem responder a nossas inquietantes invocações é um tedioso Nada. “Pensou numa história?”, perguntavam-me todas as manhãs, e todas as manhãs eu era obrigada a responder com uma negativa mortificante.

Tudo deve ter um começo, para usar a frase de Sancho; e esse começo deve estar ligado a alguma coisa que veio antes. Os hindus dão ao mundo um elefante em que se apoiar, mas colocam o elefante sobre uma tartaruga. A inventividade, é preciso admitir humildemente, não consiste em criar do vazio, e sim do caos; a matéria-prima deve, primeiro, estar à disposição: a inventividade pode dar forma a substâncias disformes e obscuras, mas não é capaz de criar substância em si. Em todas as questões relativas a descoberta e invenção, e mesmo aquelas

do domínio da imaginação, somos permanentemente lembrados da história do ovo de Colombo. A inventividade consiste na capacidade de captar o potencial de um tema, e no poder de moldar e amoldar as ideias surgidas dele.

Muitas e longas eram as conversas entre Lorde Byron e Shelley, das quais eu era devota, mas quase uma silenciosa ouvinte. No decorrer de uma delas, várias doutrinas filosóficas foram discutidas e, entre tantas, a natureza do princípio da vida, e se havia alguma probabilidade de um dia ela ser descoberta e divulgada. Falaram dos experimentos do dr. Darwin⁷ (não me refiro ao que de fato o doutor fez, ou afirmou ter feito, mas sobre aquilo que então se dizia que fizera, o que servia melhor aos meus propósitos), que mantinha um pedaço de aletria num vidro até que, por algum meio extraordinário, o macarrão começou a se mover voluntariamente.

Não era assim, apesar de tudo, que se induziria à vida. Talvez um cadáver pudesse ser reanimado; o galvanismo oferecia indícios nessa direção: talvez as partes que compunham uma criatura pudessem ser fabricadas, reunidas e providas de calor vital.

Essa conversa avançou noite adentro, e mesmo as doze badaladas já haviam soado quando nos recolhemos para descansar. Quando pousei a cabeça no travesseiro, não dormi e tampouco poderia dizer que fiquei pensando. Minha imaginação, à solta, me possuiu e guiou, dando às sucessivas imagens que surgiam em minha mente uma vivacidade que ia bem além das fronteiras do devaneio. Vi — com os olhos fechados, mas visão mental aguçada —, vi o pálido cultor de artes profanas ajoelhado junto à coisa que criara. Vi o horripilante fantasma de um homem estirado que, em seguida, por força de um poderoso motor, mostrava sinais de vida e movimento desajeitado, a meio caminho de viver. Que assustador devia ser; porque de um terror supremo seria o efeito causado por qualquer esforço humano a imitar a estupenda engrenagem do Criador do mundo. Se bem-sucedido, atemorizaria o artista; ele fugiria, cheio de horror, de seu artefato. E o faria na esperança de que, abandonada, a breve faísca vital que transmitira se extinguisse; de que aquela coisa, receptora de tal e imperfeito sopro, refluísse em matéria morta; e poderia ir dormir acreditando que o silêncio do túmulo apagaria para sempre a fugaz existência do horripilante cadáver que tomara como se fosse o berço da vida. Ele adormece; mas é acordado; abre os olhos; eis que a coisa horrenda, ao lado da cama, puxa as cortinas e o examina com seus olhos amarelados e úmidos, mas curiosos.

Aterrorizada, abri os meus. A ideia de tal forma possuía minha mente que um arrepio de medo me percorreu, e desejei trocar a imagem espantosa de meu devaneio pelas coisas reais a meu redor. Ainda as vejo; o quarto, o parque escuro, as venezianas fechadas pelas quais a luz da lua tentava entrar, e podia sentir lá fora, além, o espelho d'água do lago e o pico

branco dos Alpes. Não me livreí tão facilmente de meu horrendo fantasma; ele continuou a me assombrar. Eu devia fazer um esforço para pensar em outra coisa. Recorri à minha história de fantasmas — à minha tediosa e desafortunada história de fantasmas! Ó, se eu ao menos fosse capaz de tramar uma que assustasse meu leitor como eu mesma havia me aterrorizado naquela noite!

A ideia me ocorreu rápida e vivaz como a luz. “Descobri! O que me aterrorizou vai aterrorizar outras pessoas; e tudo que preciso é descrever o espectro que veio me assombrar no travesseiro à meia-noite.” No dia seguinte, anunciei que havia pensado numa história. E naquele mesmo dia comecei a transformá-la em palavras: “Foi numa noite lúgubre de novembro”, fazendo apenas uma transcrição dos implacáveis terrores de meu devaneio.

De início pensei em apenas algumas páginas — em escrever um conto; mas Shelley estimulou-me a desenvolver mais longamente a ideia. Por certo não devo a meu marido a sugestão de nenhuma cena, tampouco de qualquer sequência de sensações, contudo, não fosse seu incentivo, a história jamais teria tomado a forma com que foi apresentada ao mundo. Devo excetuar dessa afirmação o Prefácio. Até onde sou capaz de lembrar, foi inteiramente escrito por ele.

E agora, uma vez mais, ordeno à minha horrenda criatura que siga adiante e viva. Tenho-lhe afeição, por ser ela o fruto de dias felizes, quando a morte e o sofrimento eram nada mais que palavras a não encontrar eco verdadeiro em meu coração. Suas várias páginas são o testemunho de muitas caminhadas, de muitos passeios e de muitas conversas, de quando eu não estava sozinha; minha companhia era alguém que, neste mundo, eu não mais verei. Mas isso é comigo; meus leitores nada têm a ver com tais associações.

Direi apenas uma palavra sobre as alterações que fiz. Elas são principalmente de estilo. Não mudei parte alguma da história nem incluí nenhuma nova ideia ou circunstância. Fiz correções onde a linguagem estivesse pobre a ponto de prejudicar o interesse da narrativa, e tais mudanças ocorreram quase exclusivamente no começo do primeiro volume. Ao longo do romance, ficaram restritas a partes secundárias da história, mantendo-se intactas sua essência e sua substância.

M.W.S.

Londres, 15 de outubro de
1831.

Sugestões de outras atividades para análise da crítica da obra:

Crítica social	Crítica política	Crítica filosófica	Crítica literária
A obra <i>Frankenstein</i> é uma crítica à sociedade da época, especialmente no que se refere à exploração dos trabalhadores, à desigualdade social e ao papel da ciência na sociedade. É possível discutir como esses temas ainda são relevantes nos dias de hoje e como a obra pode nos ajudar a refletir sobre essas questões.	A obra <i>Frankenstein</i> pode ser lida como uma crítica à política e às instituições de poder, como o Estado e a Igreja. É possível explorar essa dimensão da obra e discutir como ela pode nos ajudar a pensar sobre as relações de poder na sociedade atual.	A obra <i>Frankenstein</i> levanta questões filosóficas importantes, como o papel da ciência na sociedade, a relação entre o homem e a natureza e a natureza da vida e da morte. É possível explorar essas questões e discutir como elas ainda são relevantes nos dias de hoje.	A obra <i>Frankenstein</i> é uma das obras mais influentes da literatura mundial e pode ser estudada sob diferentes perspectivas críticas, como o feminismo, a teoria da recepção e a teoria da narrativa. É possível explorar algumas dessas perspectivas e discutir como elas nos ajudam a compreender melhor a obra.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

CONTEXTUALIZAÇÃO CRÍTICA DE *FRANKENSTEIN*

Objetivo

- Aprofundar a compreensão da obra *Frankenstein* a partir da perspectiva da autora Mary Shelley, expressa em sua Introdução à edição de 1831.
- Estimular a reflexão crítica sobre a obra, considerando as influências da autora, o processo criativo e a recepção da obra.

Materiais

Cópias da Introdução de Mary Shelley para cada aluno.
Quadro ou projetor para apresentar as perguntas.

Introdução

Apresentar o objetivo da aula: analisar *Frankenstein* a partir da visão da autora.
Explicar a importância da Introdução de 1831 como fonte primária para compreender o contexto da obra.

Leitura e Discussão

- Distribuir cópias da Introdução de Mary Shelley aos alunos.
- Realizar uma leitura coletiva em voz alta, com pausas para esclarecimento de dúvidas e termos.
- Apresentar as perguntas aos alunos (quadro, cópias ou projetor).
- Estimular a discussão em grupo ou em pares, incentivando os alunos a utilizarem trechos da Introdução para fundamentar suas respostas.
- Abrir um debate com a turma, aprofundando as reflexões e conectando as respostas às questões críticas da obra.

Perguntas para Discussão

Como as experiências e desafios vividos por Mary Shelley, conforme descritos no prefácio, influenciaram a criação de *Frankenstein*, e de que forma essas influências podem ser percebidas na obra?

A partir das informações fornecidas por Mary Shelley sobre as alterações realizadas na obra, como ela equilibrou a preservação da essência e substância da história com as correções no estilo, indicando assim a importância que atribuía à forma literária de sua narrativa?

Qual é a atitude de Mary Shelley em relação às expectativas dos editores e à recepção do público em relação a *Frankenstein*, considerando sua declaração de afeição pela "horrenda criatura" que gerou nos dias felizes e sua abordagem na resposta à pergunta sobre a origem da história?

Sugestões de Atividades Complementares:

Pesquisa

Pesquisar sobre o contexto histórico e literário da época em que Mary Shelley escreveu *Frankenstein*, incluindo o Romantismo e a literatura gótica.

Escrita Criativa: Escrever um texto reflexivo sobre a importância da perspectiva do autor na interpretação de uma obra literária, utilizando *Frankenstein* como exemplo.

Debate

Organizar um debate sobre as questões críticas abordadas em *Frankenstein*, como a responsabilidade da ciência, a natureza humana e a busca pela perfeição.

Análise Comparativa: Comparar a Introdução de 1831 com outras fontes sobre a criação de *Frankenstein*, como cartas ou diários de Mary Shelley.

Avaliação

Participação ativa na leitura e discussão em sala de aula.

Qualidade das respostas às perguntas, demonstrando compreensão da Introdução e sua relação com a obra.

Empenho nas atividades complementares, caso sejam realizadas.

Observações

Adaptar a aula ao nível e interesse dos alunos, explorando as sugestões de atividades complementares de acordo com a disponibilidade de tempo e recursos.

Incentivar a pesquisa e a busca por diferentes fontes de informação sobre Mary Shelley e *Frankenstein*.

Promover um ambiente de respeito e colaboração durante as discussões, valorizando as diferentes interpretações da obra.

Lembre-se: Este plano de aula é um guia flexível, e pode ser adaptado às necessidades específicas da turma. O mais importante é estimular a reflexão crítica e a apreciação da obra *Frankenstein* a partir da perspectiva da autora Mary Shelley.

4.5 CONTEXTUALIZAÇÃO TEMÁTICA – 2 AULAS

CONTEXTUALIZAÇÃO TEMÁTICA

Frankenstein é uma obra literária que se desdobra em diversas temáticas complexas, proporcionando uma rica experiência de análise para os leitores. A obra não se limita a uma única camada de interpretação, mas, pelo contrário, se abre para uma variedade de temas que podem ser explorados com profundidade.

Um dos temas centrais que emergem da narrativa é a análise científica. Mary Shelley apresenta uma visão única sobre a criação e a exploração dos limites éticos e morais da ciência. O desenvolvimento da criatura, a busca pela imortalidade e as implicações éticas da manipulação da vida são aspectos cruciais para uma análise mais aprofundada.

A obra aborda a questão da criação vai além da visão tradicional, trazendo à tona os desafios e as responsabilidades envolvidas na geração de vida. O vínculo entre o ser criado e seu originador é marcado por uma complexa teia de relações, que proporciona uma reflexão profunda sobre a ética que permeia o ato de dar origem a uma nova existência.

Outro ponto relevante é a reflexão sobre a própria vida. A obra convida os leitores a ponderarem sobre a natureza da existência, a busca por significado e a interconexão entre vida e morte. Essa temática proporciona uma oportunidade para uma análise mais profunda sobre as perspectivas filosóficas presentes na obra.

Além de temas específicos, o texto também funciona como uma janela para compreender o contexto social e cultural tanto do período em que foi escrita quanto do nosso próprio tempo. Ao explorar as motivações e as preocupações de Mary Shelley, os alunos podem aprender não apenas sobre a história da literatura, mas também sobre as questões universais que continuam a ressoar na sociedade contemporânea.

Portanto, ao analisar a obra, os alunos podem levantar questões sobre a análise científica, a criação, a vida e outros temas, deixando em suspenso a oportunidade para abordagens mais maduras no futuro. A obra é um convite à reflexão sobre o seu tempo de criação e, ao mesmo tempo, uma fonte inesgotável de insights para compreendermos o nosso próprio tempo.

EXPLORANDO FRANKENSTEIN COM A ÁRVORE DE PROBLEMAS

Metodologia Ativa: Árvore de Problemas
Duração: Duas aulas

Objetivos

- Estimular a análise crítica da obra *Frankenstein*, explorando temas como análise científica, criação, vida e contexto social.
- Desenvolver habilidades de identificação e organização de problemas e suas causas e efeitos.
- Promover a colaboração e o debate entre os alunos.

Recursos

Exemplares físicos ou digitais da obra *Frankenstein* - já em domínio público disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/>;

Quadro branco ou flipchart;

Marcadores coloridos;

Post-its.

Aula 1

1. Introdução à obra e à metodologia (15 minutos)

Apresentar brevemente a obra *Frankenstein*, destacando sua autora, Mary Shelley, e o contexto histórico em que foi escrita.

Introduzir a metodologia da Árvore de Problemas, explicando como ela pode ser utilizada para analisar problemas complexos, identificando suas causas e efeito.

2. Identificação do problema central (30 minutos)

Dividir a turma em grupos de 4-5 alunos.

Solicitar que cada grupo leia o trecho fornecido sobre a obra *Frankenstein* e discuta os temas centrais presentes nele (análise científica, criação, vida, contexto social).

Cada grupo deve escolher um tema central que considera mais relevante e formular um problema relacionado a ele.

Exemplos de problemas

Análise científica: "Quais são os limites éticos da ciência na busca pelo conhecimento?"

Criação: "Quais as responsabilidades do criador em relação à sua criação?"

Vida: "O que define a vida e qual o seu propósito?"

Contexto social: "Como a obra *Frankenstein* reflete as preocupações sociais e culturais da época em que foi escrita?"

Cada grupo apresenta seu problema para a turma.

3. Construção da Árvore de Problemas (40 minutos)

Cada grupo recebe um quadro branco ou flipchart e marcadores coloridos.

O problema central escolhido pelo grupo é escrito no tronco da árvore.

Os alunos devem identificar as causas do problema (raízes da árvore) e seus efeitos (galhos e folhas da árvore), utilizando post-its para registrar cada item.

Estimular os alunos a pensar de forma crítica e criativa, buscando causas e efeitos em diferentes níveis de profundidade.

Aula 2

1. Apresentação das Árvores de Problemas (30 minutos)

Cada grupo apresenta sua Árvore de Problemas para a turma, explicando as relações entre o problema central, suas causas e efeitos.

Abrir espaço para perguntas e comentários dos outros grupos.

2. Debate e Reflexão (45 minutos)

Promover um debate com toda a turma sobre os temas abordados nas Árvores de Problemas, incentivando a troca de ideias e a reflexão crítica.

Questões norteadoras para o debate:

Quais as principais causas e efeitos identificados pelos grupos em relação aos diferentes temas?

Existem causas ou efeitos comuns entre os diferentes problemas identificados?

Como as questões abordadas na obra *Frankenstein* se relacionam com a nossa realidade atual?

Quais as implicações éticas e morais das questões levantadas pela obra?

3. Fechamento (10 minutos)

Sintetizar os principais pontos discutidos em aula, destacando a importância da análise crítica da obra *Frankenstein* e da metodologia da Árvore de Problemas para a compreensão de temas complexos.

Avaliação

Participação ativa dos alunos nas discussões e atividades em grupo.

Qualidade das Árvores de Problemas construídas, considerando a clareza na identificação do problema central, suas causas e efeitos, e a profundidade da análise.

Capacidade de argumentação e reflexão crítica durante o debate.

4.5 CONTEXTUALIZAÇÃO PRESENTIFICADORA – 2 AULAS

CONTEXTUALIZAÇÃO PRESENTIFICADORA

A obra escrita por Mary Shelley é atual, não há como negar que mais de 200 anos de história e uma relevância ainda muito grande no mundo da literatura não resultaria num status presentificador que trouxesse à tona a potencialidade, a escrita sagaz e os temas atuais do século XXI para o cerne das questões levantadas no texto. Dentre eles, há a sugestão de se levantar, nas discussões contextuais:

A ética na ciência: a obra *Frankenstein* levanta questões importantes sobre a ética na ciência, especialmente no que se refere à criação de vida artificial. É possível discutir como essa questão ainda é relevante nos dias de hoje, especialmente com os avanços da tecnologia e da inteligência artificial, e como podemos garantir que esses avanços sejam feitos de maneira ética e responsável.

Isolamento social: a obra *Frankenstein* retrata a solidão do monstro e do criador, e como isso pode levar a consequências negativas. É possível discutir como o isolamento social pode afetar a saúde mental das pessoas, especialmente durante a pandemia, e como podemos ajudar a combater a solidão e o isolamento.

Relações familiares: a obra *Frankenstein* aborda as relações familiares, especialmente no que se refere à relação entre pai e filho. É possível discutir como essa questão ainda é relevante nos dias de hoje, especialmente no que se refere à paternidade e à responsabilidade dos pais em relação aos seus filhos.

Discriminação e preconceito: a obra *Frankenstein* retrata o monstro como uma criatura rejeitada pela sociedade, devido à sua aparência. É possível discutir como a discriminação e o preconceito ainda são problemas atuais e como podemos combater essas atitudes.

FRANKENSTEIN E A CONTEMPORANEIDADE

Metodologia Ativa: Debate Inteligente

Duração: Duas aulas

Objetivos

- Analisar a obra *Frankenstein* sob a perspectiva da sua presentificação, conectando os temas da obra com questões relevantes do século XXI.
- Estimular o pensamento crítico e a capacidade de argumentação dos alunos.
- Promover a troca de ideias e o respeito a diferentes pontos de vista.

Recursos

Exemplares físicos ou digitais da obra *Frankenstein* - já em domínio público disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/>;

Computadores ou dispositivos móveis com acesso à internet para pesquisa;

Quadro branco ou flipchart;

Marcadores coloridos.

Aula 1

1. Introdução à obra e à temática da presentificação (20 minutos)

Apresentar o conceito de presentificação, explicando como obras clássicas podem ser reinterpretadas e relacionadas a questões contemporâneas.

Introduzir os temas que serão debatidos: ética na ciência, isolamento social, relações familiares e discriminação e preconceito.

2. Pesquisa e formação de grupos (30 minutos)

Dividir a turma em quatro grupos, cada um responsável por um dos temas:

Grupo 1: Ética na ciência

Grupo 2: Isolamento social

Grupo 3: Relações familiares

Grupo 4: Discriminação e preconceito

Cada grupo deve pesquisar sobre o tema escolhido, buscando exemplos e argumentos que relacionem a obra *Frankenstein* com a realidade atual.

Os alunos podem utilizar computadores ou dispositivos móveis com acesso à internet para a pesquisa.

O professor deve orientar a pesquisa, sugerindo fontes confiáveis e incentivando a busca por diferentes perspectivas.

3. Preparação dos argumentos (20 minutos)

Cada grupo deve organizar os argumentos e preparar uma apresentação de 10-15 minutos para defender seu ponto de vista.

Estimular os alunos a utilizarem exemplos da obra, da pesquisa realizada e de suas próprias experiências para fortalecer seus argumentos.

O professor deve circular pelos grupos, auxiliando na organização das ideias e na preparação das apresentações.

Aula 2

1. Debate Inteligente (60 minutos)

Cada grupo apresenta seus argumentos para a turma.

Após cada apresentação, abrir espaço para perguntas e comentários dos outros grupos.

O professor deve mediar o debate, garantindo o respeito entre os alunos e incentivando a troca de ideias e a reflexão crítica.

Estimular os alunos a questionarem os argumentos apresentados, buscando aprofundar a discussão e ampliar as perspectivas sobre os temas.

2. Reflexão e Conclusão (20 minutos)

Promover uma reflexão com toda a turma sobre os aprendizados do debate, destacando a importância da contextualização da obra *Frankenstein* para a compreensão de questões contemporâneas.

Cada aluno deve escrever um pequeno texto reflexivo sobre o que aprendeu com o debate e como os temas abordados se relacionam com sua própria vida.

Avaliação

Participação ativa dos alunos na pesquisa, na preparação dos argumentos e no debate.

Qualidade dos argumentos apresentados, considerando a clareza, a coerência e o embasamento teórico e prático.

Capacidade de escuta e respeito aos diferentes pontos de vista.

Profundidade da reflexão individual no texto final.

Essa proposta de plano de aula visa a promover uma experiência de aprendizagem ativa e significativa, na qual os alunos são convidados a refletirem criticamente sobre a obra *Frankenstein* e sua relação com o mundo contemporâneo. A metodologia do Debate Inteligente, aliada ao uso de recursos digitais e à colaboração entre os alunos, estimula o desenvolvimento de habilidades essenciais para o século XXI, como o pensamento crítico, a capacidade de argumentação e o respeito à diversidade.

5º ETAPA - SEGUNDA INTERPRETAÇÃO – 4 AULAS

Após a leitura inicial de *Frankenstein*, embarcamos em uma jornada ainda mais profunda, a segunda interpretação. Aqui, o foco se volta para um aspecto específico da obra, explorando-o em detalhes e nuances que podem ter passado despercebidos na leitura inicial.

Seja desvendando a psique de um personagem, investigando um tema relevante ou confrontando a obra com o contexto histórico e social, a segunda interpretação é uma oportunidade para ampliar horizontes e construir uma relação mais rica e significativa com a literatura.

Através de atividades cuidadosamente planejadas, como as propostas a seguir, os alunos assumem o papel de protagonistas, conduzindo suas próprias descobertas e construindo um conhecimento coletivo que enriquece a experiência literária de toda a turma.

Na primeira atividade, os alunos mergulham na obra *Frankenstein* utilizando a metodologia Design Thinking. Essa abordagem inovadora os guia na investigação dos monstros presentes na história, tanto o literal quanto os metafóricos, estimulando o desenvolvimento de habilidades essenciais para o século XXI.

Ao longo de seis etapas interativas, os alunos se colocam no lugar dos personagens, mapeiam suas emoções, definem o problema central da obra e propõem soluções criativas para os desafios enfrentados por Victor *Frankenstein* e sua criatura. Através da prototipagem, do feedback construtivo e da exposição final dos projetos, os alunos desenvolvem o pensamento crítico, a criatividade, a comunicação e a capacidade de trabalhar em equipe.

Na segunda atividade, os alunos se engajam em um diálogo literário, aprofundando a análise de diferentes aspectos da obra *Frankenstein*. Através da pesquisa, da organização de ideias e da escrita crítica, os alunos desenvolvem a autonomia e a responsabilidade pelo próprio aprendizado.

Ao trabalhar em duplas e realizar a avaliação por pares, os alunos aprimoram a leitura crítica, a argumentação, a comunicação e o feedback construtivo. Essa troca de experiências e perspectivas enriquece a compreensão da obra e promove o crescimento individual e coletivo.

Ambas as atividades foram cuidadosamente planejadas para atender aos objetivos de aprendizagem específicos da segunda interpretação, incentivando o protagonismo dos alunos e a construção de um conhecimento literário sólido e significativo.

Design Thinking: Desvendando os Monstros Interiores

Nesta atividade, os alunos usarão a metodologia Design Thinking para explorar os monstros presentes em *Frankenstein*, tanto o literal quanto os metafóricos.

Etapas:

1. Empatia

- Mergulho na história de Victor *Frankenstein* e da criatura.
- Análise dos sentimentos, motivações e ações de cada personagem.
- Criação de mapas de empatia para visualizar as perspectivas dos personagens.

2. Definição

- Identificação do problema central da obra: a criação do monstro e suas consequências.
- Formulação de perguntas que guiarão a busca por soluções:
 - Quais fatores contribuíram para a criação do monstro?
 - Como Victor e a criatura poderiam ter evitado a tragédia?
 - Que monstros habitam a sociedade contemporânea?

3. Ideação

- Brainstorming individual e em grupo para gerar soluções criativas para o problema central.
- Esboço de ideias, desde soluções tecnológicas até mudanças comportamentais.

4. Prototipagem

- Criação de protótipos simples das soluções propostas.
- Podem ser utilizados desenhos, modelos em 3D, storyboards, dramatizações ou outras formas criativas.

5. Teste e Refinamento

- Apresentação dos protótipos para a turma.
- Feedback construtivo e sugestões para aprimorar as soluções.
- Refinamento dos protótipos com base no feedback recebido.

6. Compartilhamento

- Exposição dos protótipos finais para a comunidade escolar.
- Reflexão sobre os aprendizados da atividade e o impacto das soluções propostas.

Avaliação

- Participação nas atividades em grupo e individuais.
- Criatividade e originalidade das soluções propostas.
- Qualidade da argumentação e capacidade de defender as ideias.
- Habilidade de trabalhar em equipe e colaborar com os colegas.

Avaliação por Pares: Um Diálogo Literário

Nesta atividade, os alunos trabalharão em duplas para analisar diferentes aspectos da obra *Frankenstein* e fornecer feedback construtivo um ao outro.

Etapas:

1. Escolha do Tema

- Cada dupla escolhe um tema específico da obra para aprofundar a análise, como:
 - A relação entre Victor e a criatura.
 - O papel da ciência e da tecnologia na obra.
 - A crítica social presente em *Frankenstein*.

2. Pesquisa e Elaboração

- Pesquisa e organização de informações sobre o tema escolhido.

- Elaboração de um texto crítico que apresente a análise do tema, utilizando citações da obra para fundamentar os argumentos.

3. Avaliação por Pares

- Troca dos textos com outra dupla para avaliação por pares.
- Leitura atenta do texto e preenchimento de um guia de avaliação, com foco em:
 - Clareza e organização do texto.
 - Argumentação consistente e fundamentada na obra.
 - Uso correto da linguagem e da norma culta.
 - Criatividade e originalidade da análise.

4. Feedback

- Devolutiva construtiva à dupla autora do texto, destacando os pontos fortes e as áreas de aprimoramento.
- Sugestões para melhorar o texto e aprofundar a análise do tema.

5. Revisão e Finalização

- Revisão do texto com base no feedback recebido.
- Finalização do texto e entrega para o professor.

Avaliação

- Qualidade da pesquisa e da análise do tema.
- Clareza, organização e coesão textual.
- Argumentação consistente e fundamentada na obra.
- Habilidade de fornecer feedback construtivo aos colegas.
- Aprimoramento do texto após a avaliação por pares.

Observações

- As atividades podem ser adaptadas de acordo com a série, a faixa etária e os objetivos do professor.
- O professor pode fornecer materiais de apoio para auxiliar na pesquisa e na elaboração dos trabalhos.
- A avaliação deve ser criteriosa e fornecer feedback individualizado aos alunos.

Benefícios

- Desenvolvimento do senso crítico e da capacidade de argumentação.
- Aprimoramento das habilidades de pesquisa e comunicação.
- Estimulação da criatividade e da originalidade.
- Promoção da colaboração e do trabalho em equipe.
- Aprofundamento da compreensão da obra *Frankenstein*.

6º ETAPA - EXPANSÃO – 2 AULAS

EXPANSÃO DA OBRA

A obra *Frankenstein* é, sem dúvidas, um marco da literatura e um clássico atemporal que continua a fascinar leitores até hoje. Escrito por Mary Shelley em 1818, o romance narra a história do Dr. Victor Frankenstein, um jovem cientista obcecado com a criação de vida artificial. Através de seus experimentos, ele dá vida a uma criatura monstruosa que, abandonada e rejeitada pelo seu criador, se torna um ser amargurado e vingativo.

Para expandir a obra em sala de aula não será proposta uma atividade fechada, pronta, para aplicação, mas, será sugerido um roteiro, com múltiplas propostas, para que seja possível a adaptação ao contexto socio-político-locorregional ao qual a sequência seja aplicada, portanto, nesta atividade, estimula-se a liberdade e o poder de explorar a obra de forma criativa e imersiva, utilizando a imaginação para dar vida a um projeto único e original.

Desafio:

1. Mergulhar na obra: reler *Frankenstein* com atenção, desvendando seus personagens, temas e simbolismos.
2. Escolher um aspecto que fascine: A criatura, o criador, a ética da ciência, a relação entre homem e máquina, o papel da mulher na sociedade... as possibilidades são infinitas!
3. Explorar em profundidade: realizar pesquisas, reflita sobre o tema e formule suas próprias ideias.

SUGESTÕES PARA EXPANSÃO COMPLETA DE *FRANKENSTEIN*

1. Seleção da obra segunda:

A escolha da obra segunda deve levar em consideração os seguintes aspectos:

- **Objetivos da Expansão:** Qual aspecto de *Frankenstein* deseja aprofundar?
- **Nível de Maturidade dos Alunos:** A obra segunda deve ser adequada à faixa etária e ao nível de conhecimento dos alunos.
- **Repertório dos Alunos:** A obra segunda deve dialogar com o conhecimento prévio dos alunos para facilitar a compreensão.

Professor(a), as obras sugeridas a seguir não precisam ser todas assistidas, lidas ou experimentadas pelos alunos, você pode escolher apenas uma.

Algumas sugestões de obras segundas:

Criação Artificial

1. *Ex Machina* (filme)

Direção: Alex Garland

Ano: 2014

Sinopse: O filme explora a interação entre um jovem programador e uma inteligência artificial avançada em forma de robô, chamada Ava. O foco está na ética da criação e do tratamento das IAs, e na linha tênue entre a consciência artificial e a humana. A narrativa aborda questões sobre o que significa ser humano e as implicações morais da criação de entidades conscientes.

2. *Blade Runner* (filme)

Direção: Ridley Scott

Ano: 1982

Sinopse: Adaptado do romance *Do Androids Dream of Electric Sheep?* de Philip K. Dick, o filme se passa em um futuro distópico e segue um caçador de andróides que deve "retirar" replicantes ilegais. O filme levanta questões sobre a identidade, a moralidade da criação

artificial e a natureza da humanidade, explorando a ambiguidade entre seres humanos e máquinas.

3. A Era da Duplicação (romance)

Autor: Josephine Pullein-Thompson

Ano: 1973

Sinopse: Este romance explora a temática da clonagem e da reprodução artificial, com foco nas implicações sociais e éticas desses avanços científicos. A obra aborda as complexidades das relações humanas e os dilemas éticos envolvendo a criação de seres humanos em laboratório.

Ciência e Ética

1. O Médico e o Monstro (filme)

Direção: Rouben Mamoulian

Ano: 1931

Sinopse: Adaptado do romance de Robert Louis Stevenson, o filme explora a dualidade da natureza humana através da história de um médico que desenvolve uma poção para liberar seu lado monstruoso. A narrativa discute questões de ética e moralidade na ciência, particularmente no contexto da manipulação da natureza humana.

2. A Ilha do Dr. Moreau (filme)

Direção: Don Taylor

Ano: 1977

Sinopse: Baseado no romance de H.G. Wells, o filme segue a história de um cientista que cria híbridos de animais e humanos em uma ilha isolada. O filme explora os limites da ética científica e as consequências da manipulação genética.

3. O Alienista (romance)

Autor: Machado de Assis

Ano: 1882

Sinopse: A obra conta a história de um médico que funda um hospício para tratar doenças mentais, mas acaba enlouquecendo ao tentar controlar a natureza humana. A narrativa explora as questões éticas envolvidas na prática médica e na ciência, bem como a linha tênue entre sanidade e loucura.

Monstros e Identidade

1. O Retrato de Dorian Gray (romance)

Autor: Oscar Wilde

Ano: 1890

Sinopse: O romance segue Dorian Gray, um jovem que mantém sua aparência de juventude e beleza enquanto um retrato seu envelhece e carrega as marcas de sua corrupção moral. A obra aborda questões sobre identidade, moralidade e a influência do desejo sobre a natureza humana.

2. O Médico e o Monstro (livro)

Autor: Robert Louis Stevenson

Ano: 1886

Sinopse: A história narra a vida do Dr. Jekyll, que cria uma poção para separar seu lado bom e mau, resultando na criação do monstruoso Edward Hyde. O romance explora temas de dualidade da natureza humana, identidade e as consequências éticas da ciência.

3. A Metamorfose (livro)

Autor: Franz Kafka

Ano: 1915

Sinopse: A novela relata a transformação de Gregor Samsa em um inseto gigante e as consequências desse evento para ele e sua família. A obra explora a alienação, a identidade e o conceito de monstros interiores e exteriores, levantando questões sobre a percepção social e pessoal.

Frankenstein e a Revolução Industrial

1. Tempos Difíceis (romance)

Autor: Charles Dickens

Ano: 1854

Sinopse: O romance critica as condições sociais e econômicas da Revolução Industrial na Inglaterra. Dickens explora temas como a desumanização no ambiente de trabalho e o impacto

da industrialização na vida dos indivíduos, refletindo sobre o mesmo espírito crítico que pode ser encontrado em *Frankenstein*.

2. Norte e Sul (romance)

Autor: Elizabeth Gaskell

Ano: 1854-1855

Sinopse: O romance aborda a diferença entre a industrializada cidade de Milton e a ruralidade do sul da Inglaterra, explorando as tensões de classe e as condições de trabalho. A obra oferece uma visão sobre as mudanças sociais e econômicas da Revolução Industrial, semelhantes às preocupações de *Frankenstein* com os impactos da ciência e da tecnologia.

3. Germinal (romance)

Autor: Émile Zola

Ano: 1885

Sinopse: Ambientado em uma mina de carvão na França, o romance detalha as condições de trabalho dos mineradores e suas lutas por melhores condições. A obra de Zola oferece uma crítica social profunda e uma análise das injustiças da Revolução Industrial, refletindo temas de exploração e sofrimento presentes em *Frankenstein*.

Frankenstein e o Romantismo

1. Os Sofrimentos do Jovem Werther (romance)

Autor: Johann Wolfgang von Goethe

Ano: 1774

Sinopse: Este romance é um exemplo clássico do Romantismo, retratando a angústia e o sofrimento de um jovem apaixonado que não consegue realizar seu amor. A obra explora a introspecção e a individualidade, temas que ressoam com a complexidade emocional de *Frankenstein*.

2. O Vampiro (conto)

Autor: John Polidori

Ano: 1819

Sinopse: Este conto, escrito por Polidori, é um dos primeiros exemplos de ficção de vampiros e reflete o interesse romântico pelo sobrenatural e o macabro. A história explora temas de identidade e o grotesco, alinhando-se com o tom gótico e romântico de *Frankenstein*.

Frankenstein e a Crítica Social

1. 1984 (romance)

Autor: George Orwell

Ano: 1949

Sinopse: O romance é uma crítica ao totalitarismo e à manipulação da verdade e da história pelo governo. Orwell explora a desumanização e a opressão, temas que podem ser comparados à crítica de *Frankenstein* sobre os excessos da ciência e a moralidade.

2. A Revolução dos Bichos (romance)

Autor: George Orwell

Ano: 1945

Sinopse: Esta fábula política satiriza o totalitarismo e a corrupção do poder. A transformação dos animais em líderes opressivos é uma metáfora para a crítica social e política, refletindo a forma como *Frankenstein* aborda a responsabilidade e as consequências das ações humanas.

3. Admirável Mundo Novo (romance)

Autor: Aldous Huxley

Ano: 1932

Sinopse: O romance apresenta uma distopia onde a tecnologia e a manipulação genética criam uma sociedade altamente controlada e conformista. Huxley explora os dilemas éticos e sociais relacionados ao avanço científico, temas que ressoam com as preocupações de *Frankenstein* sobre a ciência e suas implicações.

2. Roteiro da Atividade:

O roteiro da atividade deve incluir:

- **Introdução:** Apresentação do contexto da obra *Frankenstein* e do objetivo da expansão.

- **Leitura da obra segunda:** Os alunos leem a obra segunda de forma individual ou em grupo.
- **Análise Comparativa:** Os alunos comparam as duas obras, destacando pontos de convergência e divergência.
- **Discussão:** Os alunos debatem os temas abordados nas duas obras e suas implicações.
- **Registro da Aprendizagem:** Os alunos produzem um texto, apresentação, vídeo ou outro formato que registre os resultados da expansão.

Professor(a), a atividade de expansão é realizada com uma das obras sugeridas, de acordo com os seus objetivos e com as especificidades do contexto em que você está inserido. O diálogo com a turma é fundamental neste momento pois diferentes turmas podem ter reações diferentes com os passos e as discussões realizadas durante a aplicação do produto educacional.

3. Avaliação:

A avaliação deve considerar os seguintes aspectos:

- **Participação nas atividades:**
 - Leitura da obra segunda.
 - Participação nas discussões.
 - Elaboração do registro final.
- **Qualidade da análise comparativa:**
 - Profundidade da análise.
 - Argumentação consistente.
 - Originalidade das ideias.
- **Qualidade do registro final:**
 - Clareza e organização.
 - Criatividade e originalidade.
 - Domínio da linguagem.

4. Recursos Didáticos:

- Exemplos físicos ou digitais das obras;
- Materiais para pesquisa (livros, artigos, filmes, etc.);
- Equipamentos audiovisuais (opcional);
- Plataformas online para pesquisa e comunicação (opcional).

5. Considerações Finais:

A expansão completa de *Frankenstein* é uma atividade complexa e enriquecedora que exige planejamento, organização e acompanhamento do professor. Ao seguir as sugestões acima, o professor poderá garantir que a atividade seja um sucesso e contribua para o desenvolvimento do letramento literário dos alunos.

Observações:

- As sugestões acima são apenas um ponto de partida. O professor pode adaptá-las de acordo com suas necessidades e objetivos.
- É importante que o professor esteja familiarizado com as duas obras que serão utilizadas na expansão.
- O professor deve fornecer aos alunos o suporte necessário para que eles realizem a atividade com sucesso.

TABELA COM TEMAS, OBRAS E A RELAÇÃO COM *FRANKENSTEIN* RESUMIDOS.

TEMA	OBRA	AUTOR/DIRETOR	ANO	RELAÇÃO COM <i>FRANKENSTEIN</i>
Criação Artificial	Ex Machina (filme)	Alex Garland	2014	Criação artificial e ética, inteligência artificial e suas implicações
	Blade Runner (filme)	Ridley Scott	1982	Criação artificial e identidade, o que significa ser humano
	O homem duplicado (romance)	José Saramago	2008	Clonagem, identidade e os perigos da ciência
Ciência e Ética	O Médico e o Monstro (filme)	James Whale	1931	Adaptação clássica de <i>Frankenstein</i> , com foco na criatura e sua busca por identidade
	A Ilha do Dr. Moreau (filme)	Erle C. Kenton	1932	Ciência e ética, os limites da experimentação humana

	<i>Frankenstein</i> (peça de teatro)	Nick Dear	2011	Adaptação moderna de <i>Frankenstein</i> , explorando a perspectiva da criatura
Monstros e Identidade	O Retrato de Dorian Gray (romance)	Oscar Wilde	1890	Beleza, identidade e o preço da imortalidade
	O Médico e o Monstro (livro)	Robert Louis Stevenson	1886	A resposta de Stevenson ao <i>Frankenstein</i> de Mary Shelley, explorando a dualidade do bem e do mal
	<i>Frankenstein</i> (graphic novel)	Bernie Wrightson (escritor) & Matt Howarth (ilustrador)	1983	Adaptação fiel do romance de Mary Shelley em imagens, capturando a atmosfera gótica da obra original
Diálogo com o Contexto	<i>Frankenstein</i> e a Revolução Industrial			
	Tempos Difíceis (romance)	Charles Dickens	1854	Crítica às condições sociais da Inglaterra durante a Revolução Industrial
	Norte e Sul (romance)	Elizabeth Gaskell	1855	Explora as tensões sociais entre o Norte e o Sul da Inglaterra durante a Revolução Industrial
	Germinal (romance)	Émile Zola	1885	Retrata a vida dos mineiros de carvão na França durante a Revolução Industrial, expondo as precárias condições de trabalho e a exploração dos trabalhadores
	<i>Frankenstein</i> e o Romantismo			
	Os Sofrimentos do Jovem Werther (romance)	Johann Wolfgang von Goethe	1774	Um dos principais exemplos do movimento romântico, explorando o amor não correspondido e suas consequências
	<i>Frankenstein</i> (ópera)	Benjamin Britten	1958	Adaptação operística do romance de Mary Shelley, com foco na tragédia da criatura
	O Vampiro (conto)	John Polidori	1819	Influenciado por <i>Frankenstein</i> , explora a natureza do vampirismo e a dualidade do bem e do mal. A criatura vampírica, como a criatura de <i>Frankenstein</i> , é um ser amaldiçoado que luta por encontrar seu lugar no mundo.

Fonte: O autor

CONVERSA FINAL

Este produto é fruto de um esforço conjunto de um estudante de mestrado, formado, inicialmente, em Geografia, posteriormente em Letras e que é apaixonado desde cedo pela leitura, que enxergou a necessidade de levar para a escola um empenho maior por parte da comunidade de educadores em promover espaços literários e de formar leitores. Podemos não conseguir ensinar tudo para nossos alunos, mas, plantar a semente da leitura e da interpretação do mundo neles já é uma vitória incomensurável nos dias atuais.

O produtor educacional apresenta-se como uma ferramenta valiosa para o ensino da obra *Frankenstein ou o Prometeu Moderno* no Ensino Médio. A partir de uma estrutura organizada e diversificada, a sequência didática expandida proposta oferece um caminho envolvente para a exploração da obra, indo além da mera leitura e promovendo a reflexão crítica e a construção de conhecimento por parte dos alunos.

A abordagem transdisciplinar, que conecta a obra com diferentes áreas do conhecimento, e a utilização de metodologias ativas, como o Design Thinking e o Debate Inteligente, demonstram um compromisso com um ensino dinâmico e participativo, no qual os alunos são protagonistas de sua própria aprendizagem. Essa combinação de elementos permite que os alunos compreendam a obra em sua totalidade, percebendo suas conexões com o mundo e desenvolvendo habilidades essenciais para o século XXI.

Você, professor e professora, é livre para adaptar este produto a sua realidade, garantindo um equilíbrio entre as atividades, flexibilidade na aplicação, disponibilidade de recursos e uma avaliação contínua e formativa.

Sobre a proposta do produto, abre-se um horizonte amplo para que suas práticas possam enveredar para a formação continuada dos professores, que também é fundamental para que se sintam seguros e confiantes na aplicação de metodologias ativas e na exploração da obra de forma crítica e reflexiva.

Que esta sequência didática sirva como um guia inspirador para professores das diferentes disciplinas da Educação brasileira, abrindo portas para novas descobertas e reflexões sobre a obra e o mundo que nos cerca.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antônio. *O direito a literatura*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3327587/mod_resource/content/1/Candido%20O%20Direito%20%C3%A0%20Literatura.pdf. Acesso em: 24 ago. 2024.

CONCEICAO, Verônica Alves dos Santos; PORTO, Cristiane de Magalhães e COUTO, Edvaldo Souza. *Frankenstein: quando a Ficção Científica questiona a Ciência*. *Ciência educ.* [online]. 2020, vol.26, e20051. Epub 21-Out-2020. ISSN 1980-850X. Acesso em 01 de março de 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1516-731320200051>.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2.ed. – São Paulo: Contexto, 2009.

HARKUP, Kathryn. *Frankenstein: anatomia de monstro*. Rio de Janeiro: Darkside Books. 2023.

MAINGENEAU, Dominique. O contexto da obra literária. São Paulo: Martins Fontes, 1995. In: COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. 2.ed. – São Paulo: Contexto, 2009.

ROCHA, Renata A. de M. *Material Digital de Apoio ao Professor, com base na obra literária Frankenstein ou o Prometeu moderno*. (Mary Shelley). 2021. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Instruções pedagógicas).

SHELLEY, Mary. *Frankenstein ou o Prometeu Moderno*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015.

SHELLEY, Mary. *Frankenstein ou o Prometeu Moderno*. São Paulo: Sebo Clepsidra; Aetia Editorial, 2023.

VASCONCELOS, Sandra Guardini T. *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII*. São Paulo: Boitempo, 2002.